

Anexo 1

Formação Son-Rise

ANEXO 1.1 – CERTIFICADO SON-RISE

November 20th 2016



To Whom It May Concern,

This letter confirms that **Maria Marlene Sousa** attended our in-depth weeklong training course, The Son-Rise Program® Start-Up, during the week of 16th - 20th November 2016 at Porto, Portugal.

Since 1983, The Son-Rise Program at the Autism Treatment Center of America™ has served as a training center to teach parents and professionals to develop home-based programs for children with special needs. The Son-Rise Program has two purposes: to individually design a program for a child with special needs and to train parents to develop and supervise an intensive home-based program that addresses the individual needs of each child. All parents and professionals receive extensive training in our methodology, enabling them to develop a program that is suited to their child's particular needs, no matter the child's diagnosis, age or skill level. We work with children and adults of all ages and each program is designed accordingly.

During The Son-Rise Program Start-Up, parents receive approximately thirty-five hours of training. This training is comprehensive and is the foundation upon which parents set up and run a home-based Son-Rise Program. Parents attend this program without their children and take classes with other parents and child-care professionals. This training gives parents the tools and understanding of The Son-Rise Program to help their child in areas such as language acquisition, extended attention span and behavioral challenges, as well as academic skills such as reading and writing. Additionally, parents are taught to recruit and train a support team in order to have additional help in running a Son-Rise Program for their child.

If you have further questions concerning this matter please call me at (413) 229-2100. Any support you give to the continuation of this program will be of great benefit to the entire family of the participant.

Sincerely,

Kate Wilde
Son-Rise Program® Director
The Autism Treatment Center of America™

A division of The Option Institute. A nonprofit, federally tax-exempt, charitable organization.
www.autismtreatment.com

ANEXO 1.2 – ENTREVISTA DE RAUN K. KAUFMAN

Frequento um Mestrado e o estudo consiste em analisar as competências que facilitam a interação com uma criança com autismo. No seu discurso ao longo destes dias o Raun apela muito à compreensão, à aceitação, à congruência. Eu queria, por favor, que desse a sua opinião relativamente às competências dos diferentes intervenientes que facilitam a interação com as crianças com autismo.

Here's the thing, the thing that I liked you to call it skills because they are not a fundamental act when a person's born, it's just like what you have learned this week.

Just like when we learn to play the trumpet, we're learning about its skills. There are a few things that you will know from this week on from the way people talk about interacting with children, though we really see how much impact our own emotions and attitudes can have on our children's ability to interact. Remember that our children, because they're often kind of overwhelmed and overstimulated, they scream for threats: "Is this a threat or is this safe?"; "Is this overwhelming or is this welcoming?" or "is this overwhelming and fun?" If someone is agitated or annoyed or frustrated, or sentimental you are going to express that in little nonverbal ways that you can't control and then your child is going to put up his/her walls. They will tandom or whatever.

The first skill is going to be being able to feel comfortable and relaxed around the person's thoughts.

Number two is the sense of curiosity. We are so often just non-curious because we are so busy trying to mold the child to what we think the child should be. So, you need to be curious a little more. Be curious and then be willing to go on in the child's way not needing to control everything. This is another skill that you can find helpful. This is not something we know how to teach. What we are trying to, is giving you steps. We are trying to show you what the steps are and we'll try our best on that.

There is something else, though. When I'm with a child, and this is another skill that is not considered to be taught, that is, you get a feel for the child: "Is this child with me or not?"; "Is this child at ease and willing to be with me right now?" Or "is this child not so much at ease?" and we are not quite ready for that. Part of those are waiting for red lights or green lights while we teach.

We are trying to teach you a way of intellectualizing and bringing this down to steps and that will make a huge difference.

What I hope that some of you can do, maybe all of you over time, is, instead of having to run through all this questions all the time, you can get a more visceral

feel of your child: "Is my child with me right now?" We love the child, we try to help the child but sometimes we can't see that the child is not there.

Another skill is the ability to challenge your child and keep persisting and challenging because you believe in the child and you don't feel guilty for the continued challenge. We notice that there are two types of people we that we train. One type we need to work, work, work to get them approach the child and to see the red lights, because the whole time they're trying to get something from the child. but the other type, they are great in enjoying in, they have fun with the child, they are sweet, they don't try to overwhelm the child but we have to put a lot of work to make them keep challenging the child because they are afraid of doing something the child doesn't want to do or challenging the child when the child had done it. An important skill is to keep challenging the child even if we have challenged them 20 times before and they haven't done it. Don't feel afraid to keep on trying- " I still believe you can do this."; I still believe you can do this." even if you 've tried so many times before.

The last thing I would say is this: an ability not to take yourself too seriously. I've talked to some of you after class and some asked me questions and that's what it looks like to me (Laughs). You take yourselves too seriously. People behave seriously because they don't want to look foolish, because they are adults. Do not take yourself so seriously and look like a weirdo. This will translate into better abilities to help our kids.

Be child facilitators.

Tradução

O tema é o seguinte, e vamos chamá-lo de competências porque não são dado adquirido quando uma pessoa nasce, é exatamente como o que aprenderam esta semana.

Assim como quando aprendemos a tocar trompete, estamos a adquirir habilidades, competências. Há algumas coisas que vão saber a partir desta semana sobre a maneira como as pessoas falam sobre interagir com as crianças, embora nós possamos realmente ver o quanto o impacto de nossas próprias emoções e atitudes pode ter sobre a capacidade de interagir com as nossas crianças. Lembrem-se que as nossas crianças são frequentemente sobrecarregadas e muito estimuladas, eles gritam por ameaças: "Isso é uma ameaça ou isso é seguro?"; "Isto é ameaçador ou é acolhedor?" Ou "isto é acolhedor e divertido?" Se alguém está agitado ou irritado ou frustrado, ou mais sentimental vai emitir sinais não verbais que não consegue controlar e, em seguida, a criança vai criar as suas barreiras. Eles vão amuar, ficar irritadiços ou qualquer outra coisa. A primeira habilidade vai ser, ser capaz de se sentir confortável e relaxado em torno dos seus próprios pensamentos.

O número dois é o sentido da curiosidade. Estamos frequentemente tão pouco curiosos, porque estamos tão ocupados tentando moldar a criança para o que pensamos que a criança deve ser. Então precisamos de ser um pouco mais curiosos. Sejam curiosas e, em seguida, estejam dispostas a ir ao encontro da criança não precisando de controlar tudo. Esta é outra habilidade que podem achar útil. Isso não é algo que saibamos ensinar. O que tentamos é dar-lhes os passos. Tentamos mostrar quais os passos a dar e vamos tentar dar o nosso melhor sobre o assunto.

Há outra coisa, porém. Quando estou com uma criança, e esta é outra habilidade que não é considerada passível de ser ensinada, ou seja, você tem uma sensação acerca da criança: "Esta criança está comigo ou não?"; "Esta criança está à vontade e disposta a estar comigo agora?" Ou "essa criança não está tão à vontade?" E não estamos preparados para este último item. Parte daqueles que vivem esta experiência aguardam sinais vermelhos ou verdes enquanto nós ensinamos.

Tentamos ensinar-vos uma maneira de intelectualizar e de desmistificar os passos que farão uma enorme diferença.

O que eu espero que algumas de vós possam fazer, talvez todas ao longo do tempo, é, ao invés de ter que percorrer todas estas questões a toda a hora, poderem ter uma sensação mais visceral da criança: "Esta criança está bem aqui?" Sente-se bem agora?" Nós amamos a criança, tentamos ajudar a criança, mas às vezes não temos capacidade de perceber que a criança não está lá. Parece ausente.

Outra habilidade é a capacidade de desafiar a criança e manter –se persistente e desafiador porque você acredita na criança e não se sente culpada pelo continuo desafio.

Notamos que existem dois tipos de pessoas as quais ensinamos. Um tipo que precisamos de trabalhar, trabalhar, trabalhar para os aproximar da criança e verem os sinais vermelhos, porque tentam obter algo da criança o tempo todo.. Mas o outro tipo, são grandes entusiastas, divertem-se com a criança, são doces, não tentam sobrecarregar a criança, mas temos que trabalhar bastante para que estes se mantenham desafiadores. Têm receio de fazer algo que a criança não quer fazer ou desafiar a criança quando a esta desiste de algo. Uma habilidade importante é manter o desafio, mesmo que já o tenhamos feito 20 vezes sem sucesso. Não tenham medo de continuar a tentar - "Eu ainda acredito que consegues fazer isto.". – Mesmo que já o tenha tentado inúmeras vezes antes. A última coisa a acrescentar é: a capacidade de não se levarem demasiado a sério. Falei com algumas de vós depois da aula e fizeram-me perguntas. É assim que eu reajo (risos). Vocês levam-se demasiado a sério. As pessoas comportam-se de uma forma mais séria porque não querem parecer tolas, porque são adultas. Não se levem tão a sério e comportam-se de forma mais leve, solta e divertida (quase tolinha). Isso traduzir-se-á em melhores habilidades para ajudar as nossas crianças.

Sejam facilitadoras de crianças.

Anexo 2

Guiões

GUIÃO A DA ENTREVISTA

Dimensões	Perguntas
Vivências	<ul style="list-style-type: none"> • Há quanto tempo conhece/ trabalha com o R? • Na sua prática, com que frequência encontrou crianças com PEA? • Qual a maior dificuldade que teve inicialmente? • Qual a situação mais complicada que vivenciou com a criança? • Como tentou resolver essa dificuldade? (Caso não responda de forma concreta serei mais específica nas situações ex. quando faz chichi) • Como se sentiu? • Qual a situação mais agradável que se lembre e queira partilhar? • Como se sentiu?
Interações com a criança	<ul style="list-style-type: none"> • Como é que atualmente interage com a criança? • Tem um tempo específico para estar com a criança? É suficiente? • A qualidade da interação que tem com a criança depende de quê na sua opinião?
Competências existentes	<ul style="list-style-type: none"> • O que considera um professor de educação especial ter para trabalhar com uma criança com PEA? • Considera que existem competência pessoais do professor que sejam facilitadoras no seu trabalho? Quais? • Considera que essas competências podem ser ensinadas? Se sim, como? Se não, porquê? • Deveria haver seleção dos professores de educação especial tendo em conta o seu perfil? • Qual deveria ser esse perfil? • E no seu caso pessoal que competências julga ter para interagir com R?
Formação	<ul style="list-style-type: none"> • A formação inicial contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal? De que forma? • Que importância teve (alguma formação que a pessoa tenha tido?) • Deveria existir no currículo dos professores desenvolvimento pessoal?

GUIÃO B DA ENTREVISTA

Dimensões	Perguntas
Experiência Vicária	<ul style="list-style-type: none"> • O que sentiu quando nasceu o seu filho? • Tinha conhecimento desta problemática? • Quando se apercebeu algo diferente? • O que sentiu? • Tomou alguma atitude?
Aceitação social	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a situação mais complicada em público que vivenciou com a criança? • E o que sentiu? • O que sentiu quando foi dado o diagnóstico? • O que respondia aos amigos ou conhecidos? • E agora o que responde? • Como se sente?
Vivências	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a maior dificuldade que teve inicialmente? • Qual a situação mais complicada que vivenciou com a criança? • Como tentou resolver essa dificuldade? (Caso não responda de forma concreta serei mais específica nas situações ex. quando faz chichi) • Como se sentiu? • Qual a situação mais agradável que se lembre e queira partilhar? • Como se sentiu?
Interações com a criança	<ul style="list-style-type: none"> • De que forma interage com a criança? • Tem um tempo específico para estar com a criança? • É suficiente? • A qualidade da interação que tem com a criança depende de quê na sua opinião?

<p>Competências existentes</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quais as competências dos diferentes intervenientes? • Quais as competências que facilitam a interação com o seu filho? • Essas competências podem ser aprendidas? • Deveria haver seleção dos professores tendo em conta o seu perfil? • Qual deveria ser esse perfil? • E no seu caso pessoal que competências julga ter para interagir com R?
<p>Formação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que importância teve (alguma formação que a pessoa tenha tido?) • Deveria existir no currículo dos professores desenvolvimento pessoal?
<p>Expetativas sobre o futuro do filho</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quais as suas expetativas em relação ao futuro do seu filho?

Anexo 3

Entrevistas

Entrevista Sujeito 1

E: obrigada A. vamos lá começar.

E: Há quanto tempo é que conhece o R?

S1: conheço o R desde Junho de 2016.

E: Da sua prática com que frequência encontra crianças com perturbações do espectro do Autismo?

S1: como ehhh... Técnica de Intervenção precoce...

E: sim

S1: Todos os anos tenho, meninos com espectro do Autismo, mas enquanto coordenadora sei que em cada, cada ano que passa à mais meninos em intervenção precoce já diagnosticados com Autismo, portanto todas as semanas vem um... com Autismo referenciado para a Eli não para mim, não é...

E: sim, sim, sim.....

S1: para a equipa.

E: Ok....

E: qual a maior dificuldade que teve inicialmente com o R?

S1: Com o R?

E: Com o R.

S1: Ora com o R.... (silencio) ...acho que é mais ou menos o que se passa com os outros autista todos, que ele repare em mim, não é...

E: Claro!

S1: e não só nos meus óculos ou nisto ou naquilo, uma coisa que lhe agrada, não é.... É aquele repare que existo, né e.... que inicie uma interação comigo e que não foi difícil com o R, foi fácil.

E: Qual a situação mais complicada que vivenciou com o R?

S1: Mais complicada !?!?!?!?

E: Se considera que teve alguma!!!

S1: Diretamente não mas de observação sim, vi duas. Uma vez no Jardim de infância que estava muito mal disposto, muito chorão que até a maria teve dificuldade em o acalmar, não é... e uma vez no domicilio em casa, também o vi assim. Portanto não foi a que foi diretamente comigo, percebe? Comigo nunca, nunca, nunca tive um momento com o R que eu não soubesse o que fazer.

E: As situações que presenciou de que forma tentaria resolver essa situação?

S1: Essas duas que presenciei?

E: Essas duas que presenciou.

S1: sim, se fosse só comigo, é isso?

E: sim! Sim!

S1: Olhe, conhecendo o R, não é Ehhhh.... Eu usaria o toque, muito toque, porque acho que o regula numa primeira fase acho que o regula, não

é...ehhhh.... depois ia conversando com que que ele já ouve, a seguir, portanto.... e acho que é o que o resto dos intervenientes faz, porque percebe se bem no R que ele precisa disso.

E: Qual a situação mais agradável que se lembra com ele e que queira partilhar?

S1: A maria viu... (risos) a mais agradável foi em casa. Porque acho que foi uma iteração de medicina no pátio. Umas gargalhadas enormes, portanto.... Sendo uma criança com um défice da comunicação da interação ninguém diria... não é.... que ali havia interação, pronto e comunicação. Não há é verbal, comunicação verbal mas imensa comunicação, para mim aquilo havia de ter sido filmado porque é realmente um gosto.

E: Como se sente nesses momentos?

S1: Nesses assim muito bons?

E: sim, como é que se sente?

S1: Olhe sinto-me conectada. E quando me sinto conectada sinto-me bem, não é... Nunca, nunca fui capaz de levar estas situações de... de desempenho das crianças, não é, quando as crianças estão a fazer um desempenho para que nós estamos tando a trabalhar e os estamos a ver a minha felicidade é pelas crianças não é por mim nem pelo trabalho propriamente dito. É mesmo pelas crianças porque nós sentimos que as crianças só aprendem interagindo e se não interagirem não aprendem. É por isso que adoro a intervenção precoce acho que é a idade de ouro. Se as crianças derem valor à interação o resto do conhecimento imerge logo, interagem com as pessoas depois com os brinquedos e vão aprendendo, portanto o meu consolo é em relação ao consolo das crianças e à felicidade delas.

E: como é que atualmente acha que consegue interagir tão bem com o R?

S1: Tão bem?!?!?

E: Tão bem!!

S1: Não sei se estou a perceber!!!

E: A Alexandra interage muito bem com o R.

S1: sim! Sim! Porque é que eu acho que é assim?

E: Porque é que acha que o consegue?

S1: Porque se calhar no inicio da nossa relação, não é, foi bem estruturado, percebe.... Eu nunca.... Eu dei sempre espaço ... a Maria há-de se lembra que eu fui várias vezes ao Jardim de infância que nem interagi com ele, fui só observá-lo, não é. E depois lentamente fui-me pondo ao lado dele.... Até que um dia ele reparou que estava a fazer uma coisa igual a ele. Que era bom estar a li a fazer igual. E acho que tem haver só a ver com isso com a forma, com a estrutura que respeitei o espaço dele até chegar a mim...

E: Têm um tempo especifico para estar com o R?

S1: se eu tenho um tempo específico??? No jardim de Infância tenho, no domicílio não!

E: Acha que o tempo que têm é suficiente?

S1: Eu penso que não é uma questão de tempo. Penso que.... Tempo meu, tempo meu disponível, não. Eu penso que é uma questão de timing familiar. Acho que a família do R está a passar um processo, não é, que eu devo respeitar, que não posso adular, não posso ultrapassar e acho que é essencialmente isso é um tempo, não é, não é meu. Está a compreender, porque a minha intervenção sendo junto dos adultos essencialmente é respeitando isso, é devagar devagarinho, fazendo com que os valores principais que se podem ver nas rotinas, na interação das rotinas sejam realmente um valor para a família, porque foi assim que eu consegui o R comigo.

E: Na sua opinião a competência de interação que têm com o R depende de quê?

S1: Que eu tenho com o R? Eu penso que só dependo do que lhe falei anteriormente. Da estrutura que eu criei até ele chegar, a ser ele a interagir comigo. Acho que só depende disso porque ele percebeu. Nós estamos perante um menino do espectro do autismo que não parece ter défice cognitivo. O R aprende e eu penso que lhe dei esse modelo. E ele aprendeu o modelo. Ele agora olha lindamente para mim mas mesmo para dizer que quer brincar comigo. Se ele não olhasse para mim eu não ia brincar com ele. Ele já sabe disso.

E: O que considera que um Educador...

S1: deixe-me só acrescentar uma coisa: eu não ia brincar com ele, ia brincar ao lado dele.

E: Inicialmente... (risos)

E: O que considera que um Educador de intervenção precoce possa ter para trabalhar com uma criança com perturbações do espectro autismo.

S1: O que é quê?

E: O que é que considera importante, uma competência...

S1: Uma competência pessoal?

E: sim...

S1: muito difícil, Maria, essa pergunta.... Porque não há só uma só competência...

E: Então considera que existem competências?

S1: Sim, eu acho que sem conhecimento sobre o espectro do autismo eu penso que não se faz nada, tem de se ter esse conhecimento. Agora as competências pessoais, não é?

E: Sim, competência pessoais.

S1: as competências pessoais.... ehhehh

E: competências pessoais que considera que um interveniente....

S1: nos temos que ser bons observadores, muito bons observadores. Uma criança do espectro autismo não falante, não é, porque há os falantes, que

é o caso do R, não falante, é uma criança que temos dar muito modelos de fala. Nós temos de falar muito com ele. E só conseguimos fazer isso depois de conseguirmos o olhar dele. Portanto uma competência é esta espera, conseguir esperar, esperar que ele olhe, que é muito difícil. Nos chamamos a isto a espera estruturada. Nos queremos falar muito queremos que ele olhe, que ele faça, senta aqui, vai para ali, não chores agora vai... isto num autista é informação a mais, nós só podemos falar quando eles estão a olhar para nós. E é isto que eu acho que é... não sei como se chama esta competência, mas é perseverança, por exemplo, conseguir esperar que essa espera estruturada dê resultados. E isto é muito difícil porque nós queremos ver resultados rapidamente, mas se calhar a perseverança.

E: Considera que essas competências podem ser ensinadas?

S1: Essa pergunta é muito difícil. É assim, eu aprendi muito, todos os dias eu aprendo. Portanto eu penso que se aprende, agora só aprende quem está aberto à aprendizagem. Agora em termos de competências pessoais se isto se aprende, claro que se aprende. O conhecimento científico foi me dizendo ao longo dos anos, que fui sempre me formando, sempre formando, sempre formando para colmatar as minhas dificuldades no terreno é evidente que eu aprendi. Agora o que está por detrás, a perseverança por exemplo, não, não se aprende. Aprende-se connosco. À muita gente que não sabe lidar com uma criança e isto também não se aprende. Sabe que eu fiz supervisão de estágios e houve um ano que tive 10 alunas, 6 do 4º ano e 4 do 3º ano. E os primeiros momentos que eu estive com elas, foi só para lhe pedir para falar dos meninos que elas tinham e eu em duas ou 3 visitas que aos jardins tinha visto mais do que elas viram durante um ano. Isto não pode acontecer. Algumas não é... Está a compreender o que quero dizer. Estas coisas não se aprendem!! Depois na intervenção precoce, por exemplo, porque isto depois depende da área. É uma área muito social a educação, é uma vertente muito social, nós temos que articular com imensos serviços, nós temos que potencializar com as famílias, temos de entrar em casa delas e aqui também umas competências que do saber estar e do saber ser. Essencialmente nos domicílio, nos jardins de infância normalmente somos colegas e as coisas são mais fáceis. Mas nos domicílios nós temos de ser mais escutastes, ouvintes do que faladores. Podemos falar quando nos pedem para falar, olhe diga o que é que acho e eu tenho de dizer. Mas seu ouvir bem eu vou conseguir discernir o que eu tenho que dizer. Que resposta vou dar. E isto é preciso muita ponderação, já estou a dar muitas características.

E: Mas acha que esse saber ser pode-se aprender?

S1: É assim, também se aprende. Agora é como lhe disse à bocado, à coisas que já são natas mesmo. Eu acho, todos nós sabemos que fomos crescendo, na adolescência, no estado adulto e vimos a diferença entre nós e os outros. E também vamos fazendo uma certa seriação. Nem toda a gente tem

capacidades para isto, é verdade. Não se aprende, há coisas que não se aprende. Dentro do saber.... Aprender aprende, só que se aprende enquanto menino ou menina, enquanto criança é uma questão de educação também. A educação, as características natas das pessoas. Como lhe disse à bocado saber ser e o saber estar são aprendidos, só que no estado adulto cada um de nós absorve isso à sua maneira e é evidente que depois sobressai. E eu fui aprendendo não lhe vou dizer se é 60% nato 40% aprendido. Não sei dizer isto. Agora que intuitivamente me comparo com outras pessoas, eu sei, sei que eu noto, não +e, que muitas vezes ouvindo bem eu consigo chegar melhor às pessoas. E isto o ser ouvinte não é fácil. Ainda para mais estamos incumbidas. A maior parte das famílias veem : esta vai ser a minha salvação e não vamos ser salvação nenhuma. Está a compreender. E à pessoas que chegam aos domicílios e dizem que tem de fazer assim, assim e assim. E depois não fazem mais domicilio nenhum. Isto têm a ver com a capacidade nata. Isto não é só aprendizagem realmente. Talvez 70% - 30 de aprendizagem.

E: tendo você uma equipa como têm considera que deveria haver uma seleção tendo em conta um determinado perfil?

S1: claro, claro que sim. Deveria haver assim umas entrevistazitas...

E: E qual deveria ser o perfil importante para a pessoa...

S1: É que nós trabalhamos com várias áreas, não é só educação, não é. Nós trabalhamos com a saúde. Portanto as características....

E: As características pessoais da pessoa para interagir com as crianças com as características do R.

S1: Mas repare que, eu percebo que é com as crianças como o R, mas repare na intervenção precoce é muito mais importante as características familiares. Porque é com os adultos que devemos trabalhar. Agora as características natas, não é, como é que lhe chamou? As características pessoais. Terão de ser estas todas que lhe fui dizendo. Por exemplo, vou-lhe falar da educação. Uma postura de paixão pela educação, o conhecimento, uma paixão pela psicologia do desenvolvimento, uma paixão pelas crianças.... Olhe sabe duma coisa. Nós temos de ser apaixonados, em casa na escola, ao volante. Temos de ser apaixonados. É esta a palavra. E uma pessoa que mostra a paixão mostra as outras coisas todas porque depois passa a ser um bom ouvinte que está interessado em ouvir está apaixonado no que está a ouvir. Consegue ser uma pessoa que chega aos outros porque até consegue utilizar as palavras que foram utilizadas 10 minutos antes para as pessoas perceberem que estamos em consonância. Esta arte.... Paixão e arte, que diz? Paixão e arte? Características: - paixão e arte pelas crianças e educação. Porque é muita arte, nós temos de fazer muitos "decors".

E: Nós já falamos disto inicialmente, mas no seu caso pessoal qual é que acha que é aquela competência que consegue ter? que vêm ao de cima quando está a interagir com o R hoje, em dia?

S1: Ponho-me do tamanho dele. Deixo de ser uma mulher de 59 anos, 1.70 cm para ter 1 m como ele e quatro anos de idade.

E: Agora mudamos um bocadinho....

S1: 4 anos de idade no sentido de que sei o que é os 4 anos, e como é que os 4 anos gostam de brincar mais nesse sentido, porque o resto todo está em mim, não é.

E: Como uma forma de respeito para com aquilo que ele.....

S1: Sim, consigo descer ao nível de uma criança.

E: Vamos mudar um bocadinho de assunto, vamos ser uma bocadinho agora mais específicas na parte da formação. Considera que a formação inicial contribui para o desenvolvimento pessoal dos intervenientes?

S1: Formação inicial?

E: Sim!

S1: Muito!

E: De que forma?

S1: Olhe se calhar, porque, como era já uma apaixonada pela infância e não fui para educação de infância por acaso, eu aprendi tudo. Eu bebia as palavras dos professores. Eu lembro-me... as coisas marcaram-me porque a minha formação foi formação mesmo. Não estava ali para ter notas, compreende. Fui sempre uma pessoa que estava na primeira fila e não calava perguntava porque é, não percebi. E Esta formação nunca mais a esqueci. Eu acabei o curso em 81, em 81 e sei coisas que parece que estou a ouvir o professor a dizer-las. Porque se calhar bebi esta informação toda. Portanto a formação inicial foi fundamental. E determina, determina completamente.

E: Formação inicial. Depois houve mais alguma outra formação que considera que foi como um marco para si?

S1: Na área da educação precoce?

E: Na área da intervenção precoce.

S1: Há sim, a da faculdade todas os cursos todos que lá fiz. Com os norte americanos sim, então no autismo que estão sempre a investigar.

E: considera que deveria existir um curriculum dos professores na área do desenvolvimento pessoal?

S1: Um curriculum ----

E: um curriculum dos professores. Deveria haver....

S1: Não sei como é que isso se faz....

E: Mas considera que isso seria importante?

S1: Colocar no curriculum a sua maneira de ser.

E: Mesmo por exemplo....

S1: Eu por exemplo colocaria no meu curriculum : Apaixonada pela intervenção precoce.

E: Não na formação, na formação dos professores, na formação, por exemplo, na formação académica. Deveria haver uma unidade curricular ou

alguma coisa que desenvolvesse um pouco mais a área pessoal ou acha que seria inútil dado que alguma pessoas....

S1: Inútil

E: Acha que é inútil...

S1: eu com o distanciamento de 37 anos consigo agora perceber isso mas fiquei muito, mas muito zangada quando na minha escola aconselhavam a sair quando não tinham hipótese nenhuma a ser educadoras de infância. E agora percebo.

E: Então considera que essas pessoas que não têm as ditas competência bases necessárias que não as conseguem....

S1: À coisas que não conseguem aprender, nem com a idade. Não se esqueça que eu acompanhei muitas colegas minhas tem a mesma idade do que eu agora. E eu sei ver as diferenças entre elas e eu. E trabalho com muitas, não trabalho com colegas perto da minha idade. Consigo perfeitamente perceber que as pessoas são diferentes mesmo. As características que elas tinham com 21 anos são as características que têm agora. Está a compreender. Não quer dizer que sejam más profissionais ó Maria, alto aí. Agora num.... Como lhe dizia à bocado, o conhecimento é fundamental, mas como polo em prática. Por exemplo, começo uma colega que é ótima educador, só que investe muito nos meninos a um nível que se o menino corresponde muito bem, mas se o menino não corresponde ao nível que está a exercer, ela fica numa frustração que é capaz de cometer erros. E Cometer erros de educação de infância é capaz de..., por exemplo, já a vi a tirar um desenho, uma folha de desenho a um menino.... Assim. Quem diria que ela faria isto, percebe. Porque as expectativas que ela tinha, fica muita ansiosa... quer que ele faça melhor que aquilo e chama-lhe erro. Está a compreender. A gente comete alguns erros, toda a gente comete é evidente, agora mais uma vez falando da formação que é o ponto que temos de ter. Quando nós temos a formação bem dicensada eu acho que depois não cometemos esses erros mesmo que a nossa formação pessoal seja diferente. Eu conheço muita gente, muita boas educadoras de infância e com temperamento todos diferentes e com características todas diferentes, não sei se era bem isto, perdi-me um pouco na conversa... não sei...

E: Alexandra agora para terminar queria, por favor, que resumidamente fizesse a sua caracterização, dizendo a idade, a sua formação, o que faz atualmente e uma característica motivacional.

S1: tenho 59 anos, sou educadora de infância, característica motivacional para ser educadora de infância é o meu mundo ser o das crianças.

E: Atualmente o que faz?

S1: Estou no sistema nacional de intervenção precoce na ELI Gaia Sul, educadora de intervenção precoce e coordenadora da ELI.

E: Ok Alexandra, muito obrigada.

Entrevista Sujeito 2

E:- Há quanto tempo conhece a criança?

S2: – Eu penso que conheço a criança desde o final de Outubro início de Novembro, ou seja, oito nove meses.

E: - Na sua prática com que frequência encontrou crianças com perturbações do espectro do autismo?

S2: - Então é assim, eu desde que acabei o curso sempre tive essa prática quer por voluntariado quer noutras instituições, mas depois sobretudo no centro sempre foi uma valência, ou seja, o próprio serviço sempre disponibilizou muito essas crianças, no entanto antes até de entrar no curso aquilo que eu fazia era o ATL de crianças no colégio onde andei e eles sempre tiveram algumas crianças com autismo e até outro tipo de perturbações e eu sempre gostei muito de as acompanhar, por isso eu acho que desde sempre tenho muito esta interação com eles.

E:- Qual a maior dificuldade que teve inicialmente com esta criança?

S2: - Eu não acho que tenha sido propriamente uma dificuldade, é assim todas as crianças quando nós as conhecemos nós precisamos de as conhecer, ou seja, nós precisamos de interagir com elas e perceber o temperamento, perceber como é que elas reagem, por exemplo, umas podem gostar muito que se interagem com elas, que se ria outras se calhar já não vão reagir da mesma forma. Eu acho que a questão em concreto com esta criança foi muito a novidade em si, o ser um espaço diferente, o não conhecer a área, não nos conhecer a nós e portanto muitas das vezes o não querer por exemplo um abraço, um beijinho, um sorriso, essa se calhar foi a maior dificuldade, só que eu não considero que tenha sido uma dificuldade porque eu acho que isto é normativo, nós temos que perceber o espaço e o tempo da criança e interagir consoante essas características mas se calhar pronto seria aquilo que salientaria como maior dificuldade.

E:- Qual a situação mais complicada que vivenciou com a criança?

S2: - Diretamente com a criança?

E: – Sim, diretamente com a criança, se teve alguma!

S2: - Lá está tendo em conta que acho que é normativo é muitas das birras que possa apresentar, ou dormiu mal, ou aconteceu alguma coisa, por exemplo, no caminho e pronto o facto de ela não estar bem isso vai influenciar obrigatoriamente o início da sessão de não conseguirmos interagir com ela da forma como queríamos, de não conseguirmos chegar até ela, acedermos até ela, ou ela não nos possibilitar isso. Isso penso que foi se calhar...

E:- Mas recorda-se de alguma situação?

S2: - Sim penso que no início houve uma birra maior em que nós nem se quer lhe podíamos tocar mesmo, havia mesmo a recusa total, mas depois lá está nós não podemos insistir e isso foi algo que foi compreendido por todos os técnicos, portanto...

E:- Quer exemplificar de que forma tentou resolver essa situação?

S2: - Com uma aproximação, tentando nos aproximar da criança em si, percebemos de facto que ela estava alterada, que não havia uma receptividade normal como ela costumava aparecer e como estava num estado tão irritado, tão agitado, pronto foi difícil claro que houve um afastamento, mas pronto foi gerido com normalidade como é óbvio.

E:- Como é que se sentiu nessa situação?

S2: - Um bocadinho impotente digámos, porque na verdade nós queríamos fazer o melhor para a criança, queríamos que ela fosse para lá, que ela tirasse partido, porque é algo que é prazeroso para a criança, no entanto como estava num estado tão agitado, claro não há esse alcance e nós ficamos um bocadinho do género 'ok como que vamos agora gerir isso'.

E:- Agora outra situação. Qual a situação mais agradável que se lembre e que queira partilhar?

S2: - Oh são todas, acabam por ser todas no fundo porque a verdade é que não é preciso falar em específico nesta criança mas, quando nos chegam só o facto de estarem a sorrir ou de gostarem de ir para lá, da satisfação que têm ao montar ou até noutra contexto, eu acho que isso já acaba por valer apenas tudo e depois, vemos sobretudo as evoluções que elas fazem, a relação que elas criam connosco, é... Qualquer coisa, portanto eu acho que são todas as situações.

E:- E como é que se sente nessas situações?

S2: - Oh, sinto-me realizada, sinto que de facto o meu trabalho vale apenas, enquanto psicóloga, enquanto terapeuta que trabalha com animais, eu acho que quando nós fazemos algo que nós gostamos que nós gostamos mesmo e que achámos mesmo que vale apenas, se de facto vemos nos outros quer nos pais, quer nos familiares, quer na própria criança que de facto aquilo é prazeroso para eles então eu acho que está tudo dito, não é?!

E:- Considera que atualmente interage com o R?

S2: - Que interago, sim sem dúvida (risos)

E:- E de que forma é que o faz?

S2: - De que forma? De todas as formas possíveis e imaginárias, desde o falar, desde gestos, de brincadeiras, de tudo aquilo que seja possível sobre ser uma relação, basta olhar para ele percebo que existe uma relação, basta eu falar com ele, ele até pode não me responder verbalmente mas o facto de eu fazer um gesto ou olhar para mim, ou algo que desplete que eu perceba que ele me

está a entender e que eu também dê resposta nele e que o estou a entender isso implica obrigatoriamente que há uma interação, uma relação.

E:- Tem um tempo específico para estar com esta criança?

S2: - Sim, atualmente estamos duas vezes por semana com ele, na parte dos cavalos e estamos outra vez, umas duas é variável mais outra vez na escola.

E:- Considera que esse tempo é suficiente?

S2: - Isso é uma pergunta com rasteira (risos)... Eu acho que a resposta é depende, embora eu acho que nunca é suficiente porque quando um trabalho, isto é a minha maneira de ver, eu que quando nós fazemos aquilo que gostámos e quando os outros também vêm esse feedback é de facto positivo para a criança eu acho que nunca é suficiente, eu acho que se nós estivessemos todo o dia com ele, se calhar mesmo assim não era suficiente porque há sempre mais a fazer, algo mais a acrescentar. O facto de ele ir mais tempo acho que foi muito bom, muito positivo até porque vimos uma evolução mais rápida, se isso é possível ele ir mais tempo? Não sei, porque depois entrámos em questões que nos ultrapassam a nós mas eu acho que é positivo quanto mais melhor.

E:- A competência de interação que tem com a criança depende de quê na sua opinião?

S2: - Eu acho que depende da própria criança mas também enquanto nós profissionais, se eu estiver lá apenas por estar não acho que isso vá surtir qualquer impacto, se eu estiver lá enquanto pessoa, enquanto profissional, enquanto aquilo que gosto de fazer e tento fazê-lo da forma mais correta com todas as minhas características, não sei, o facto de empatizar com ele, de tentar o melhor para ele, pronto de o tentar conhecer e dar resposta aquilo que ele me tráz, mas também pegar muito naquilo que são as características dele, não posso descartar isso, se ele me vem mais agitado há que pegar nisso, se ele vem mais calmo e mais receptivo para outras atividades então há que pegar nisso. Eu acho que é muito dessa junção, dessa ligação, acho que é fundamental nós percebermos as nossas características mas também pegarmos nas características do nosso praticante ou do nosso aluno, ou do nosso cliente, por isso, eu acho que é tanta coS2: ...

E:- O que considera necessário num técnico para trabalhar com uma criança com perturbações do espectro do autismo?

S2: - Eu acho que antes de mais é a pessoa gostar daquilo que faz e sentir que é competente nisso porque eu até posso gostar muito de saltar à corda, mas se não souber saltar se calhar não vale apena. Eu acho que tenho que analS2: r se tenho competências para tal, se tenho digámos estofos para tal, e isso implica nós percebermos o que é que pode correr de melhor e o que é que pode correr de pior. A empatia é uma característica central, isto não é ser psicóloga mas a verdade é, se nós não empatizarmos com aquilo que estamos a fazer... nós até podemos ser muito bons mas não vai resultar e termos muita consciência de

quais são os nossos limites, 'ok eu até posso gostar muito de uma coisa', mas se calhar não vou aguentar por exemplo trabalhar com crianças autistas', não, então não podemos pegar nisso. Mais características, eu acho que temos que dar o melhor de nós... Sobretudo...

E:- Considera que existem competências pessoais do profissional que sejam facilitadores no seu trabalho?

S2: - Competências pessoais? Sim acho que sim.

E:- Quais são essas competências que considera facilitadores no trabalho de um técnico para com esta criança, em específico com esta criança, porque todas as crianças têm características diferentes...

S2: - A empatia, o facto de nós termos de perceber que existem diferentes contextos e que a criança embora seja um todo ela acaba por ter um comportamento em cada um desses contextos, eu pelo menos falo por mim, eu acho na área da psicologia existe sempre muita essa necessidade de nós não tocarmos o praticante ou o cliente apenas numa determinada área, eu acho que o psicólogo é mesmo isso, nós temos primeiro de compreender as áreas e de facto a empatia aqui, porque se calhar até podemos não nos rever tanto na situação mas o essencial é perceber o que é que poderá surtir aqui de melhor e aqui estamos a mexer muito na nossa personalidade, no nosso temperamento, nas nossas características pessoais. Mais do que psicologia se calhar é muito o que nós somos do que é que gostamos e do que é que faz sentido para a criança em si. Não sei se respondi...

E:- Considera que essas competências podem ser ensinadas?

S2: - As competências que eu falei?

E:- Sim.

S2: - É assim eu sinceramente acho que tudo pode ser ensinado, há coisas que nós temos mais dificuldade a mudar, no entanto nós nunca podemos descorar das nossas características, por exemplo, quando eu estou a falar do nosso temperamento, nós podemos mudá-lo mas ele vai estar sempre variável dos diferentes contextos em que nós estamos, que eles podem mudar podem mas não é muito expectável.

E:- E de que forma acha que podem ser ensinados?

S2: - De que forma é que podem ser ensinados? Então, nós o facto de estarmos a trabalhar com diferentes crianças nós vamos modelando de uma forma ou de outra ao comportamento que elas têm e eu, por exemplo, até posso não, não é o aceitar, não é a questão do aceitar, até posso ter uma maneira de trabalhar com uma determinada criança, porque a minha essência é aquilo que eu acho, mas depois através do trabalho com outros técnicos e até com outras crianças que têm outras características eu posso me ir adaptando, não vou mudar obrigatoriamente, nem totalmente mas acho que me posso "moldar", sim isso aí acho que sim, mas em todas as características .

E:- Considera que deveria haver uma seleção dos profissionais tendo em conta o seu perfil?

S2: - Sem dúvida, claro que sim.

E:- E qual deveria ser esse perfil?

S2: - É assim eu acho que não deve de haver um perfil ideal, não deve de haver nem se deve conseguir porque lá está, cada caso é um caso nós temos crianças diferentes e nós vamo-nos adaptar às características dessa criança mas se tivermos outra criança nós vamos ter que nos adaptar a essas outras crianças, é assim o que se tem que ter em atenção ao perfil, sem dúvida, porque eu lembro-me que saí da faculdade e fiquei a pensar, mas os meus colegas também vão ser, alguns deles psicólogos? Às vezes é um bocado assustador as características que eles têm e as formas como eles trabalham mas a verdade é que as pessoas podem-se adaptar e podem modificar e isso faz com que nós tenhamos de respeitar os outros, mas sim eu acho que é muito importante ter em conta as características que as pessoas têm ao trabalharem nestas áreas.

E:- Quer-me apontar algumas características que acha importante a ter em conta no perfil dessas pessoas? Na sua opinião como já me disse existem aquelas pessoas que considera que até tem algum perfil para trabalharem com determinado tipo de crianças e outras pessoas têm outro perfil que poderão não conseguir de imediato trabalhar com essas crianças. Qual é que considera ser esse perfil, características desse perfil?

S2: - Vou só dar algumas características, por exemplo, eu acho que é importante a alegria e a motivação, eu sei que são se calhar características que uma pessoa pensa, 'oh mas qual é a lógica', mas é assim vou ser sincera, eu sempre gostei de psicologia mas desde que comecei a trabalhar mais nesta área, eu acho que o público em geral muitas das vezes vêem estas crianças como 'coitadinhos', como 'oh que pena eles não vão conseguir', não, nós temos que encarar isto como algo positivo, há tanta coisa para trabalhar e temos de estar motivados, eu acho que estes técnicos têm que ter essa consciência acima dos outros que há muita coisa para fazer, temos de ser positivos connosco mesmo é algo que é tão bonito de se fazer que nós temos de ser assim, de pensar assim, mas pronto para além da alegria e da motivação, sei lá tanta coisa ...

E:- O ser positivo

S2: - Sim o ser positivo, não sei está-me a passar tantas coisas pela cabeça que... Pronto o ter atenção sempre naquilo que fazemos, no zelo, acho que é muito importante nós estamos a trabalhar com uma área delicada, acaba por ser sempre e nós temos de ter em conta que são sempre crianças que estão a crescer, que se nós dermos um exemplo desadequado elas vão aprender connosco, elas crianças que estão a crescer e nós é que somos o modelo e acho que muitas das vezes as pessoas esquecem-se disso ' ah são crianças, elas não ouvem ou não ligam ou não falam' não, são características pequenas que

acabam por fazer muito a diferença do que se calhar outras maiores, eu pelo menos penso assim.

E:- No seu caso pessoal, que competências pessoais julga ter para conseguir interagir com esta criança?

S2: - Eu acho que foi um bocadinho estas que eu fui dizendo, eu acho que muito esta motivação e este interesse constante, o não desistir, acho que nós não devemos desistir das crianças que nos aparecem por mais dificuldades que elas tenham ou por mais inconsistentes que sejam os contextos ou “desgraças” que vão lhes surgindo, acho que devemos ser esta luzinha ao fundo do túnel, de ‘ok pronto mas agora pelo menos nesta meia hora’ o tempo é para esta criança, o tempo para ver as competências desta criança, não o que é negativo porque o que é negativo os médicos e outros profissionais dizem e eu pelo menos penso assim, eu tenho dias maus como é óbvio, acho que toda a gente tem mas pelo menos tentar transmitir do pouco tempo que elas estão connosco o mais positivo que pode existir, eu acho que isso pelo menos sempre foi uma característica minha, portanto acho que tento transmitir um bocadinho para a minha área. Eu acho que aí está inerente depois a empatia, o facto de nós estarmos ali para o outro, não ter pena mas de tentar querer o melhor para o outro como se fosse para mim.

E:- Agora vamos falar da formação. A formação inicial contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal? E de que forma?

S2: - Em relação ao meu curso?

E:- Sim.

S2: - Claro, como é que eu hei-de dizer, eu acho que sempre fui assim, sinceramente, era aquilo que eu disse, o meu interesse por ajudar o outro, pela área, por exemplo, da deficiência, sempre foi algo que tive muito interesse, e também foi um bocadinho por aí da escolha do meu curso, foi se calhar na altura onde eu cresci mais, onde eu percebi de facto o impacto que nós temos no outro, porque antes era ‘ok eu faço isto porque me sinto bem e eu sou assim’ mas eu com o curso eu percebi, não, eu de facto tenho mesmo impacto nos outros, eu ainda posso ser melhor e o curso de psicologia e depois outros cursos, porque eu também tenho o curso de hipoterapia também foi algo que eu consegui perceber que não é impacto, eu sou influenciada pelos outros mas eu também posso influenciar os outros e os animais acabam por ser mesmo isso, o cavalo, eu consigo perceber que o cavalo sente como é que eu estou, se o cavalo estiver agitado ou mais triste ou contente ele vai reagir dessa forma e eles de facto conseguem ter esse impacto nas crianças portanto, eu tal como o cavalo também tenho esse impacto na criança e se a criança conseguir ler assim como eu consigo lê-lo a ela, eu tenho que fazer alguma coisa com essa leitura, uma criança está a chorar e pronto fica para aí a chorar, não, eu tenho que tirar isso, e com o curso de psicologia eu consegui aprender mesmo isso, tudo aquilo que acontece tem uma razão e eu tenho que pegar nessas pequenas razões e dar

resposta a isso, da forma mais adequado que eu considero, claro. Espero eu, foi muito importante tanto a licenciatura como o mestrado, eu tenho o mestrado na área da educação e pronto lá está, foi algo crianças, psicologia, pronto era aquilo. Foi mesmo muito importante para mim.

E:- Tem alguma formação que gostava de referir que acha que foi importante?

S2: - Foi isso tudo...

E:- Falou da hipoterapia...

S2: - Sim, isto porquê, porque a minha formação base é a psicologia mas depois eu sempre tive um interesse na área dos animais sobretudo com cães e com cavalos mas a verdade é que cá em Portugal pouco conhecemos mesmo a hipoterapia começa agora a surgir mas ainda muito desconhecido existem outras terapias complementares mas a hipoterapia ou até com cães é pouco falado. Eu confesso que fiz o meu estágio e depois quis algo diferente e tive uns meses á procura e depois consegui esta oportunidade 'pronto ok eu não conheço nada, eu não faço a minima ideia o que é isto do mundo dos cavalos, mas prontos vamos lá' e percebi mesmo que conciliar a psicologia com os animais era mesmo aquilo que eu queria, posso dizer que me sinto realizada porque consigo juntar a área mais das necessidades educativas com a psicologia e com a parte de equitação, é o que me faz sentido. O primeiro curso de equitação terapêutica foi o que eu fiz e acabou por me dar noções muito mais precisas do impacto que nós e o cavalo pode ter no praticante assim como noções mais ao nível de fisiologia, não é tanto a minha área digamos mas que eu quando estou por exemplo numa sessão de hipoterapia eu tenho que ter em questão isso, tenho que estar alerta, acho que foi muito bom, muito útil sobretudo ver como é que há tantos técnico que estão há tanto tempo trabalham, foi muito útil.

E:- Na sua opinião deveria existir na formação académica desenvolvimento pessoal para todos os profissionais que trabalham com estas crianças?

S2: - Eu acho que sim, eu vou ser sincera, lá está, se calhar deve variar um bocadinho de faculdade para faculdade, ou de área para área e tudo e mais alguma coisa, calculo, por exemplo, que se for da área da saúde, médico, mais relacionados com isso se calhar não existe tanto essa preocupação, eu no meu não posso dizer que não havia essa preocupação, nós até podíamos não ter uma cadeira especifica para isso mas havia sempre uma preocupação dos professores diziam em quê que isto faz sentido, por exemplo para vocês enquanto psicólogos, futuros psicólogos, porquê que isto é importante para vocês, eles ponham-nos muito a pensar, mesmo em características nossas, o que era o mais valia para nós e para quem estivesse á nossa frente, por isso eu acho que sim, devia ser imprescindível em todos os cursos e todas as pessoas que saiam formadas quer de uma faculdade ou de qualquer sitio, eu acho que

as pessoas para trabalharem em determinadas áreas nomeadamente, na áreas que trabalham com crianças, com perturbações do espectro do autismo é mesmo muito importante termos em atenção as pessoas que temos á frente por diversas razões porque na verdade era aquilo que eu dizia á bocado, nós estamos a falar de crianças que têm as suas características se nós não respondermos e se nós não tivermos em atenção alguns detalhes que eles sinalizam em determinadas alturas nós vamos estar a deitar tudo a perder e se calhar eu não estou a dizer que toda a gente precise mas se calhar era bom, mal não faz de certeza. Eu nesse aspecto sinto-me privilegiada pela minha faculdade sempre dar valor a essas características, por-nos a pensar numa forma critica, do que é que nós afinal queremos e o que vamos fazer e acho que foi muito bom mas reconheço que nem em todos os sitios isso acontece de facto.

E:- Para terminar queria, por favor, que resumidamente fizesse a sua caracterização, a sua idade, a formação, o que faz atualmente e uma característica motivacional

S2: - Eu tenho 25 anos, sou psicologa, atualmente estou a trabalhar como psicologa hipoterapeuta, ou seja, estou num centro hipico e dou sessões de hipoterapia ou equitação terapeutica, já não me lembro das questões seguintes... (risos)

E:- Uma característica motivacional

S2: - Trabalho com pessoas, isso para mim é a minha maior motivação, acho que desde que uma pessoas faça aquilo que gosta e faça de coração eu acho que isso é a maior motivação. Por exemplo, lembro-me por acaso, não sei se isto vai ser importante ou não mas, quando iniciei esta nova etapa de ir para o centro hipico e trabalhar, os meus pais diziam 'estás radiante, eu não percebo, estás tão feliz...' mas é verdade, se nós de facto nos identificamos e gostamos, como é que hei-de dizer, nem sempre tudo corre bem, eu saía de lá muitas das vezes tardissimo com imenso trabalho, como tudo e mais alguma coS2: , mas eu saía de lá feliz porque gosto daquilo que faço, acho que tenho impacto, não digo em todos nem digo que seja da mesma forma como é obvio mas eu acho que aquilo que faço tento faze-lo da melhor forma e de uma forma genuína e isso é importante, portanto eu saía de lá contente, não que agora não saía, mas se calhar agora as pessoas já não percebem tanto mas... a minha característica é essa.

E:- muito obrigada.

Entrevista Sujeito 3

E: - Há quanto tempo conhece a criança? Conhece ou trabalha com a criança?

S3: aproximadamente entre oito a nove meses.

E:- Na sua prática com que frequência encontrou crianças com perturbações do espectro do autismo?

S3: Desde o início da minha prática clínica, portanto trabalho com essas crianças há cerca de dois, três anos.

E: E qual é a frequência com que encontra crianças assim?

S3: A frequência como assim?

E: Quantas crianças mais ou menos por ano? Nota que tem evoluído o número de casos que aparecem?

S3: Atualmente.... Vamos fazer uma estimativa, neste momento mais de 50% dos meninos que eu tenho, que estou acompanhar, têm perturbações do espectro do autismo sim.

E: Esses 50% reflete-se em números quantos?

S3: dez, doze...

E: Qual a maior dificuldade que teve especificamente com esta criança? Inicialmente quando a conheceu, qual foi a maior dificuldade que teve?

S3: Com esta criança e penso que é transversal a todas, é o estabelecimento da relação terapêutica. Sem dúvida a maior dificuldade inicial.

E: Qual a situação mais complicada que vivenciou com esta criança?

S3: Diretamente, trabalhando de um para um, perante um comportamento de oposição mais desajustado de uma birra em que a criança me pediu algum afeto, algum mimo, e foi necessário dizer 'agora não', ou seja, passar o mimo para depois, não retribuir imediatamente esse afeto para ver se estávamos na altura a trabalhar competências mais específicas muito associadas às regras, e foi importante para estabelecer determinados limites e regras no contexto em que estávamos a trabalhar e, esta criança na altura pediu-me mimo e foi se calhar a coisa mais complicada, foi a recusa desse afeto, sim... Naquele momento em específico.

E: Ou seja, devido à situação?

S3: Sim, foi muito o não ser responsiva em termos afetivos e deixar isso para segundo plano e pensar, foi ter um processamento muito racional, pensar o que é que neste momento é mais importante, naquele momento era secundário ainda assim a parte afetiva é sempre algo que custa rejeitar quando foi algo tão espontâneo da criança.

E: Como é que se sentiu?(Risos)

S3: Muito desconfortável apesar de saber que racionalmente estava a ter a atitude mais correta em termos de maior eficácia da intervenção, é desconfortável, não é bem frustração é se calhar um bocadinho de angústia e assim aquele desconforto que mexe um bocadinho connosco. Na verdade, gostava de retribuir e achei que não era o mais indicado para o fazer, sim...

E: E agora, qual é a situação mais agradável que se lembre e que queira partilhar?

S3: Todas as situações (risos) onde estabeleça o contacto ocular com esta criança, ele tem o um contacto ocular fabuloso e extremamente expressivo, portanto e normalmente vêm sempre acompanhados de sorrisos muito expressivos que eu acho que tornam aqueles momentos mesmo fantásticos, sim... A permanência do contacto ocular com ele.

E: E como é que se sente nesses momentos? (Risos)

S3: sinto-me muito bem,... sinto-me muito envolvida no trabalho que estou a fazer, sinto que estou a ter resposta pela criança e que a minha presença está a fazer e está a ter uma reação no outro, portanto a forma como ele me devolve o contato ocular é sinal de que está presente, que está envolvido, está interessado no que estou e, não estou lá por mero acaso e ele não quer saber, é um bocadinho isso sim...

E: Considera que interage com esta criança?

S3: Sim, sim, frequentemente...

E: De que forma é que o faz? O que é que a leva a dizer que consegue interagir com a criança e de que forma é que o faz.

Primeira, como é que considera que interage com ele?

S3: As resposta que ele me dá principalmente a parte não verbal, o olhar, o estabelecimento do contacto ocular, a expressividade emocional através do sorriso, através das vocalizações, a parte comportamental com a procura de afeto, da procura de beijos, de abraços, de mimos, o toque, procura muito o toque esta criança quando está a interagir com os adultos. E era de que forma é que eu o faço? Sempre usando o apelar à criança, usar o nome da criança para chamar a sua atenção, o estabelecimento do contato ocular, mantendo-me sempre que possível ao nível da criança para falar com ela. Recorro muito ao toque como estimulação propriocetiva para chamar a atenção da criança em termos de concentração quando está mais distraída. Recorro muito sempre que possível ao jogo também, para ser uma atividade prazerosa para a criança para conseguir ir de encontro aos interesses, essencialmente acho que são esses... Já não me lembro de mais...

E: Tem tempo específico para estar com ele?

S3: Sim, estou duas vezes por semana sempre, é fixo, meia hora em cada sessão, para além disso às vezes também tenho na escola.

E: E na escola neste momento é?

S3: Na escola é uma a duas vezes por semana, cerca de uma hora por sessão, mais ou menos.

E: Acha que esse tempo é suficiente?

S3: Sim, sim, tendo em conta que esta criança tem mais terapias, tem outros técnicos, considero que neste momento em termos desenvolvimentais que é um tempo ajustado, uma vez que não sou só eu que estou com essa criança enquanto técnica a interagir, está a ser feito um trabalho multidisciplinar, sim...

E: A competência da interação que tem com a criança depende de quê, na sua opinião?

S3: tem muitas coisas, temos aqui vários fatores intervenientes, se calhar vou categorizá-los. Temos os fatores ambientais, ou seja, o contexto em si, se o ambiente está calmo, se está agitado, isto, por exemplo, nas sessões de hipoterapia em específico, se estiver mais que uma pessoa em picadeiro quando estou a trabalhar com a criança é um fator distractor, estas crianças têm um tempo de atenção e concentração muito curto, é um fator que vai de certa forma influenciar, se há barulhos se não há, se há ruídos, em termos ambientais também posso considerar até a parte dos materiais que usámos, se é um material que interessa à criança ou não, se é algo que ela tenha aversão, se é algo que ela se interessa, se é algo que tem curiosidade de explorar, tentamos sempre também procurar um bocadinho desse sentido. Em termos de fatores da criança, a predisposição com que ela vai à sessão, com que ela está naquele momento para a interação, ou não, fatores como se dormiu bem, se comeu, se não comeu, se precisa ir à casa de banho, se não precisa, se está mais emocional e até mesmo de personalidade, às vezes, se está mais irritado nesse dia, se está contente, se está eufórico, há uma série de fatores e características na criança que também vão influenciar. Fatores pessoais meus também enquanto técnica, se eu naquele dia estou mais chateada, se estou mais bem disposta embora esses sejam sempre tentados deixados para segundo plano para tentarmos ter uma competência em termos de interação pelo menos mínima, mas a verdade é que eles influenciam, o nosso estado de humor, a forma como estamos naquele dia vai influenciar naturalmente, se nos aconteceu alguma coisa, se não, vai influenciar a interação com a criança. Fatores assim mais externos também sem ser assim tão ambientais e muitas vezes não estão associados à criança e que influenciam a criança como, por exemplo, quem vai com a criança à sessão, quem a leva, como é que correu o percurso, como é que foi o acordar da criança em casa, o que é que aconteceu na escola naquele dia, que até irritou e que vai influenciar o estado de humor e, essa própria predisposição já não vai ser a mesma para a interação, penso que são assim, de uma forma global, que estão assim todos.

E: O que é que considera necessário num técnico para trabalhar com uma criança com perturbações do espectro do autismo? E em específico com esta criança?

S3: É assim, no geral e esta criança na minha perspetiva não foge à regra, é uma opinião muito pessoal, eu acho que os técnicos têm que ter uma disponibilidade tamanha, enorme, diria... para estar com o outro e serem capazes de se porem no lugar do outro, porque são crianças que têm o modo de funcionamento muito específico cada um tem o seu e, a verdade não vêem o mundo da mesma forma que nós o vemos, portanto nós temos de ser capazes de nos colocar no lugar do outro e mais do que isso e se calhar assim mais abrangente e mais principal, eu acho que o técnico estar disponível para, ser esse se calhar o principal objetivo que é capacitar o outro, impoderar. A parte do impoderamento aqui não só da criança, mas também de toda a família que é muito importante, penso que é essencialmente essa característica, se calhar a maior delas todas é a capacidade e a predisposição do técnico para capacitar, para impoderar, tanto a criança como os outros, como os técnicos que trabalham com ela de forma a maximizar neste caso a autonomia e o funcionamento desta criança.

E: Considera que existem competências pessoais que sejam facilitadoras no seu trabalho?

S3: Sim...

E: Quer enumerar algumas?

S3: Sim.

E: Competências facilitadoras no sentido de que, as pessoas que tivessem aquelas competências poderiam ser de alguma forma, facilitadoras para o processo para a aprendizagem desta criança. Aprendizagem, envolvência...

S3: Uma pessoa que seja sensivelmente responsiva, conseguir dar sempre alguma resposta a estas crianças, tanto seja em termos materiais, como em termo emocionais, como comportamentais, alguém que seja capaz de ser responsivo a estas crianças, é algo que me preocupa quando estas crianças procuram uma resposta e não a têm de lado nenhum, penso que os técnicos devem ser capazes de devolver sempre alguma coisa de forma ajudar as crianças. A calma, a tranquilidade, o altruísmo também, a paciência, é preciso muita paciência para respeitar o tempo da criança, têm tempos por norma mais longos que as outras crianças em termos de aprendizagem, cada qual tem o seu, mas a verdade é que a forma como eles podem também é muito idiossincrática e nós temos que ter essa capacidade de respeitar sempre e respeitar o tempo com muito respeito, sempre, o respeito pelo outro acho que é aqui uma competência fundamental, as crianças muitas vezes não fazem porque efetivamente não conseguem e não porque não querem, não estão a conseguir e é preciso perceber onde é que nós conseguimos funcionar como base para as

ajudar. Mais... O ser positivo também ajuda muito, tanto na criança, o acreditar no outro, nas capacidades do outro, no que pode vir a desenvolver e acreditar também no nosso trabalho. Não só na criança, mas também acreditar na família que muitas vezes funciona de certa forma como obstáculos, mas podem facilmente serem voltados para serem facilitadores de processo. E são assim as principais.

E: Considera que essas competências podem ser ensinadas a qualquer técnico?

S3: Algumas sim, outras acho que não. Nem todos têm que ter vocação para...

E: Se sim como é que acha que se poderiam ensinar?

S3: Muitas se calhar estão associadas à parte do desenvolvimento pessoal de cada um, e acho que é um problema assim no geral, muito gente tem esse... Eu não queria dizer dificuldade, se calhar um défice um bocadinho inconsciente, às vezes, por falta de informação também, por desconhecimento, não digo que seja propositado nem coisa do género, mas se calhar por exemplo, não se conhecem a elas mesma e acho que se calhar é um dos requisitos ter um bom desenvolvimento pessoal e sabermos que temos consciência daquilo que somos capazes, a forma que vamos reagir a determinada situação, porque estar com uma criança destas e por exemplo, acontecer uma situação mais caricata ou mais desagradável, em termos de exemplos práticos por exemplo, se a criança até se baba muito, se é alguém que tem alguma repulsa a esse tipo de substâncias, da baba, é alguém que se calhar não vai conseguir estar com a criança com a mesma disponibilidade e vai influenciar naturalmente o trabalho que vai ser feito e de certa forma já se vai afastar, a relação de certa forma vai estar comprometida, já não há tanta vontade, não é uma situação agradável e a verdade é nós temos situações desagradáveis com estas crianças, desagradáveis no sentido de serem menos ajustadas, não propositadas mas que se calhar algumas pessoas têm maior facilidade de lidar do que outras portanto esse tipo de competências pode ser, algumas podem ser trabalhadas, sim, outras eu acredito que não, uma pessoa que seja mais até em termos temperamentais e de personalidade, uma pessoa seja muito reativa por exemplo, é algo que pode efetivamente trabalhar e desenvolver outro tipo de competências para contornar essa reatividade mas, se não o fizer não vejo essa característica como se enquadre num filme num técnico que trabalhe com crianças com estas dificuldades.

E: E continuamente não acha que a pessoa poderá algumas competências serem trabalhadas?

S3: Sim, algumas sim, outras... mais as temperamentais que eu fico um bocadinho na dúvida se são realmente, até mesmo de interesses, por exemplo, uma questão de interesse... Se eu não tenho o à vontade, se não tenho qualquer interesse com crianças, por muito que eu trabalhe e tente perceber, até posso

perceber, mas tenho que aceitar que isso faz parte de mim e se eu não tenho facilidade em estabelecer a interação com as crianças, se é algo que não me satisfaz por muito que eu trabalhe eu acho que vai sempre ser algo de certa forma forçado e a espontaneidade se calhar é uma das características que muitas vezes se sobressai destas relações que são estabelecidas entre os técnicos e as crianças, por isso é que eu digo, algumas eu acho que sim, outras eu acho que não.

E: E as pessoas que estão predispostas a ter esse tipo de trabalho, esse tipo de rotina diária e que não tenham determinadas competências, consideram que podem ser aprendidas, tenho naturalmente as pessoas uma aptidão para esse trabalho que estão a desempenhar?

S3: Sim, eu penso que com muito trabalho e dedicação mais cedo ou mais tarde tudo se consegue de uma forma ou de outra, penso que tenha haver com muitos fatores, não acho que seja linear a relação, não podemos dizer que todas as pessoas que querem vão conseguir alcançar, mas acho que é possível, acho que é possível sim...

E: Considera que deveria haver uma seleção dos profissionais tendo em conta ao seu perfil?

S3: Sim... Sim...

E: De forma resumida para si, qual deveria ser esse perfil? Para uma pessoa que desempenha a sua função...

S3: Pessoas que tenham a capacidade de manter a calma em situações de pressão, de stress, de lidar com o inesperado, ter uma boa gestão comportamental emocional face ao inesperado, com temperamento mais calmas também, mais tranquilas, menos reativas...

E: Se não encontrar mais nenhum não há problema...

S3: Estava a pensar... Estou a tentar visualizar o perfil de uma pessoa clara, estou a tentar construir, mas é difícil às vezes colocar em palavras...

E: Você faria uma seleção das pessoas para trabalhar?

S3: Sim, consoante determinadas competências, exatamente.

E: Qual seria o perfil dessas pessoas?

S3: O que eu acho é que não é necessário elas terem esse perfil, acho que se calhar até é mais vantajoso termos vários perfis a trabalhar em simultâneo de forma complementar.

E: Mas existem competências que seriam importantes serem em comum em todas elas, certamente .

S3: Sim... Sim...

E: Quais seriam elas?

S3: A disponibilidade, a parte do altruísmo, do interesse pelo outro, a tranquilidade... A parte afetiva, serem emocionalmente estáveis, acho que é muito, muito importante. Não em excesso nem ao contrário, por pecar, por

serem também extremamente... Não demasiado afáveis nem também muito frias, terem uma boa gestão, um bom equilíbrio emocional, acho que é muito, muito importante, sim.

E: No seu caso pessoal, que competências ou competências como queira designar julga ter para interagir com esta criança?

S3: O interesse pelo outro é algo que sempre me fascinou desde muito cedo e que eu acho que me permite destacar enquanto profissional porque associado a isto vem o respeito e o tentar compreender o outro na perspetiva que ele vê o mundo, um bocadinho assim... O gosto que eu tenho enorme e se calhar o que mais me dá gosto enquanto profissional que é o capacitar o outro, impoderar, o permitir que o outro seja capaz de ser autónomo, de adquirir determinadas competências e associado a isto vem também o interesse e o gosto por ensinar mais ligado a algumas competências específicas, não tanto relacionais. A parte da tranquilidade, o eu ser muito tranquila, mas ao mesmo tempo conseguir fazer uma boa gestão entre a parte emocional e a parte racional, o ser capaz pensar fora de caixa em determinada situação, seja ela de stress ou não, conseguir no momento pensar um bocadinho, tentar ter uma visão maior do que está acontecer e não tanto focado no momento, perceber se determinado comportamento pode vir de outra situação externa que naquele momento nem se esteja a manifestar, muito nesse sentido, ter uma visão mais macroscópica e olhar para a criança como sintoma de tudo o resto, não ver apenas a criança e o comportamento isolado, essa visão que às vezes não é muito frequente, essencialmente essas...

E: Ok. A formação inicial contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal?

S3: Sim, sim, o ter a formação na área da psicologia permitiu-me se calhar acentuar mais a consciência que tinha das diferenças que temos entre todos, de me tentar compreender melhor enquanto profissional, perceber enquanto profissional, ou seja, a parte do desenvolvimento pessoal de que forma é que poderei influenciar ou não o meu desempenho profissional, perceber se isso poderia ser vantajoso ou até prejudicial de alguma forma, perceber se havia aspetos a trabalhar, sim sem dúvida.

E: Teve alguma formação mais específica que considere ter sido muito importante para si?

S3: Para o caso de perturbações do espectro do autismo, sim, sim várias. A formação específica que fiz na área da hipoterapia para além da psicologia.. vou dizer o que é que retirei!

E: Sim, sim.

S3: Nesse caso em específico trouxe-me conhecimentos novos acerca do cavalo enquanto instrumento de trabalho para estes meninos, que é uma fonte poderosíssima de estimulação proprioceptiva essencialmente, mas também de estimulação sensorial a vários níveis como muitas vezes é descartado por

desconhecimento das pessoas e, não ponho isso em causa, mas a mim trouxe-me esse conhecimento, ao mesmo tempo também outras formas de trabalhar com estes meninos num contexto completamente diferente e de uma forma muito, muito lúdica. A formação que tenho em primeiros socorros, parecendo que não estando na área da saúde foi algo que tinha alguma urgência em fazer e que de certa forma atenuou um bocadinho alguns receios que eu tinha em relação a quedas ou até mesmo comportamentos mais agressivos, de eles se magoarem, de algumas crises que possam despoletar, epilepsia, por exemplo, foi algo também que me tranquilizou uma vez que escomobilidades são muito frequentes nas perturbações do espectro do autismo e para além disso a formação inicial, sem dúvida... A parte mais específica do autismo que nós temos na parte académica.

E: Considera que devia existir na formação académica desenvolvimento pessoal para todos os intervenientes da educação, neste tipo de crianças em específico para esta criança?

S3: Sim, sim, tanto em termos de intervenientes da área da saúde como da educação, acho extremamente pertinente haver esse tipo de formação muito porque na área das ciências sociais e a verdade é que quando nós trabalhamos com estas crianças não é uma ciência concreta é muito social é uma relacional, não só na área da educação mas também na saúde mesmo a questão da medicina, os profissionais que acompanham estas crianças, acho imprescindível as pessoas terem o mínimo de tacto possível no tratamento destas crianças e desta família portanto não podemos falar como, a relação terapêutica está na base, portanto se nós não formos capazes de nos conhecermos ao ponto de perceber de que forma é que podemos maximizar o estabelecimento desta relação terapêutica acho que vamos acabar por ser prejudicados em termos de eficácia depois da prática disso, sim... E mesmo o auto conhecimento e reações, percebermos como é que vamos reagir de determinada forma, estarmos a contar com isso, porque um imprevisto mal resolvido pode ter uma consequência muito grande nestas crianças, essencialmente.

E: Agora para terminar resumidamente queria que fizesse uma pequena caracterização, dizendo a sua idade, a sua formação, o que faz atualmente e uma característica motivacional.

S3: Para este trabalho?

E: Sim.

S3: Eu tenho 25 anos, tenho um mestrado integrado em psicologia clinica da saúde, atualmente sou psicóloga numa equipa de hipoterapia e equitação terapêutica no centro hípico.

E: É psicóloga há quantos anos?

S3: Terminei em 2015, portanto há dois anos, exatamente. Terminei no início deste ano o estágio profissional de acesso à profissão, atualmente já sou membro efetivo... E era outra coisa não era?

E: Era, o que faz atualmente já disse, uma característica...

S3: Motivacional? Oportunidade de poder capacitar estas crianças e as famílias, sem dúvida, acho que é uma oportunidade preciosíssima e extremamente gratificante enquanto profissional, poder saber que o meu trabalho vai fazer e pode fazer a diferença na vida destas pessoas em termos de autonomia, de desenvolvimento e essencialmente bem-estar, sim.

E: Obrigada...

Entrevista Sujeito 4

E: Há quanto tempo conhece ou trabalha com a criança?

S4: Conheço mais ou menos há dois anos e meio...

E: Na sua prática com que frequência encontrou crianças com perturbações de espectro autismo?

S4: É a primeira vez que estou a lidar com uma criança assim.

E: E ele quando entrou no colégio foi para que sala?

S4: Na sala de 1 ano.

E: Qual a maior dificuldade que teve inicialmente?

S4: Olhe a maior dificuldade foi interagir com ele, que ele olhasse para mim, que eu chamasse por ele e ele olhasse para mim... Foi isso!

E: Qual a situação mais complicada que vivenciou com a criança até hoje?

S4: Deixe-me pensar... Foi um dia em que ele estava descontrolado, estava muito agitado e eu queria tentar ajudá-lo, queria acalmá-lo, foi um bocadinho difícil mas eu consegui.

E: Como é que resolveu essa situação?

S4: Eu acho que resolve-se muita coisa dando carinho, peguei nele, abracei-o, aconcheguei-o e ele ao fim de alguns minutos acalmou e acabou por adormecer .

E: Como é que se sentiu?

S4: Quando o ajudei?

E: Sim.

S4: Senti que o aconcheguei e no fim eu consegui acalma-lo e senti-me bem por conseguir acalmá-lo e ele ficar bem também.

E: Qual a situação mais agradável que se lembre e que queira partilhar?

S4: Ande aqui os anos que andar nunca me vou esquecer que é ir para a praia com ele e ver a alegria dele de chegar à praia principalmente quando vamos à água, porque senti que ele ali estava bem, que ali ele era feliz e senti-me feliz por ele estar assim porque realmente chegar ali e ver a alegria dele, foi muito bom.

E: Então como é que se sentiu?

S4: Senti-me muito feliz por ele, senti-me muito bem.

E: Como é atualmente interage com a criança?

S4: Interajo bem acho que sim. Chamo por ele e ele olha, brinco com ele, ah... Sei lá...

E: Tem um tempo específico para estar com esta criança?

S4: Sim, todos os dias da semana... (risos)

E: Mas está com ele e com as outras crianças ou só com ele?

S4: Estou com ele e com as outras crianças também.

E: Acha que esse tempo é suficiente?

S4: Sim, sim, mas é preciso controlar bem e estar ali para ele, mas também para os outros.

E: A competência da interação que tem com esta criança depende de quê na sua opinião?

S4: A competência...

E: Da interação que tem com ele?

S4: Não sei, depende de muita coisa... Depende de nós gostamos daquilo que fazemos, de interagirmos com ele e ele perceber o que a gente está a querer dizer...

E: O que é que considera necessário um técnico ter para conseguir trabalhar com esta criança?

S4: Olhe é preciso estarmos bem connosco mesmo para conseguirmos passar isso para eles independentemente da criança que for e gostar daquilo que fazemos, temos que gostar para chegar ao final do dia e dizermos “eles estão bem, nós estamos bem”

E: Considera que existem competências pessoais dos profissionais que sejam facilitadoras para o seu trabalho?

S4: Sim...

E: Quais?

S4: Quais... Quais... (risos) é basicamente mais ou menos aquilo que eu disse, temos que gostar daquilo que fazemos, temos que ser disponíveis para eles, temos que ser bem dispostas, pronto...

E: Considera que essas competências podem ser ensinadas?

S4: Depende muito, eu acho. Depende da personalidade de cada um. Se calhar se me perguntar como ensinar ser carinhoso? Nós darmos carinho, tudo bem... Mas se calhar temos de praticar isso todos os dias porque se deixarmos de praticar se calhar essa pessoa que não é tão carinhosa deixa de o ser. Mas depende muitas das pessoas eu acho e da vontade das pessoas também.

E: Deveria haver uma seleção dos profissionais tendo em conta o seu perfil?

S4: Não sei... eu explico. Acho que sim, mas para haver essa seleção alguém tem que as selecionar e eu pergunto se esse alguém que vai selecionar está na prática, está no local e se sabe o que é que pode ou não pode selecionar.

E: E se fosse você a selecionar essas pessoas como é que as selecionava?

S4: Não sei, mas demorava algum tempo...

E: Que tipo de pessoas é que selecionava para trabalhar, por exemplo, com esta criança?

S4: Primeiro tinha que ver, não sei, terá que haver algum tempo para nós vermos se realmente consegue existir alguma interação com a criança e neste

caso o técnico ou a pessoa que será selecionada e ao fim desse tempo que eu visse, por exemplo, a interação corria bem, a pessoa era bem disposta, era disponível, se calhar aí selecionava, mas não sei... Depende de muita coisa...

E: No seu caso pessoal que competências julga ter para conseguir interagir com esta criança?

S4: E vem ela com as competências... (risos) eu então?

E: Sim.

S4: Pronto, eu julgo ter algumas não muitas, mas se calhar fazem diferença, ser amiga, ser bem disposta, chegar e gritarem por mim seja verbalmente seja com os olhares e mais... deixa-me pensar em competências... Tenho que me focar. Não sei, já disse disponível ... estar ali para eles quando eles precisarem, acho que é isso...

E: A formação inicial contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal?

S4: Não percebi, desculpe.

E: A formação inicial contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal?

S4: Acho que todas as formações contribuem, pronto, ah... Eu felizmente estou num curso que tirei por opção minha e que gosto e o facto de se calhar vir para aqui estagiar e conhecer as pessoas que felizmente começaram por ser o meu estágio mas depois colegas de trabalho, mas sim acho que todas as formações contribuem para um desenvolvimento pessoal.

E: Na sua opinião deveria existir na formação académica o desenvolvimento pessoal? Deviam ter uma disciplina de desenvolvimento pessoal?

S4: Sim acho que sim. Acho que faria bem a muita gente a muitas pessoas desenvolver se calhar coisas que estão menos... Como é que eu hei-de dizer... Olhe menos apagadas e se calhar reacender um bocadinho ali algumas mentalidades das pessoas relativamente a certos assuntos.

E: Muito bem. Agora resumidamente queria que me dissesse a sua idade, o que faz, qual a sua formação e uma característica motivacional.

S4: Tenho 26 anos, sou auxiliar de ação educativa, o meu curso é o curso técnico de apoio à infância e uma característica motivacional? Olhe uma característica é, por exemplo... Minha não é? Deixa-me pensar...

E: O que a motiva para...

S4: Motiva-me todos os dias vir trabalhar com crianças como é que vou explicar isto, uma característica, não sei muito bem como explicar...

E: Temos tempo...

S4: Eu chego lá, fogo sei lá...

E: Algo que a motiva vir trabalhar...

S4: O que me motiva a vir trabalhar é chegar ao local de trabalho e sentir que as pessoas gostam de mim, que as crianças gostam de mim e sentir... eu aqui sinto-me bem e faço o que gosto e ... Olha e é isto... (risos)

Entrevista Sujeito 5

E: No dia dez de Abril quando nasceu o vosso filho o que é que sentiu?

S5: No dia em que ele nasceu?

E: Sim.

S5: Muito honestamente, desespero depois de ele nascer, não correu bem, foi um desespero. Depois passado para aí, sei lá, duas horas quando o pude ver, fiquei mais aliviado e vim embora. No segundo dia quando caí em mim é que senti satisfação, no dia não senti nada porque não tive tempo para sentir preocupei-me mais do que aquilo que senti no segundo dia é que senti satisfação, pronto estava dentro do que ele passou estava mais ou menos bem, pronto foi o que eu senti.

E: Antes de ter o seu filho tinha conhecimento desta problemática de perturbações do espectro do autismo?

S5: Não.

E: Não conhecia... E conhecia algum caso semelhante sem saber o nome dele?

S5: É assim, conhecer conhecia estive uma vez com a pessoa e nunca mais estive, foi há muitos anos atrás.

E: Ok. Quando é que se apercebeu que alguma coisa na criança estava diferente? Que de alguma forma ele seria diferente de outra criança com o mesmo desenvolvimento.

S5: Nem fui eu que me apercebi muito bem, foi mais a minha esposa que se apercebeu e quando falou comigo e eu na realidade vi, foi quando na altura chamava-se pelo nome e ele não olhava para nós, tão simples quanto isto, chamava-se o nome dele e se ele estivesse a ver televisão continuava a ver televisão e era como se não estivesse ninguém à beira dele, foi assim que demos conta que algo não estava bem.

E: O que é que sentiu nesse momento?

S5: Primeiro pensei que... Pensei que não era nada, depois pensei, será que ele está a ouvir, podia não estar a ouvir bem, mas ele fez o exame e disseram que estava aparentemente tudo bem mas já tinha passado algum tempo do exame, porque ele fez logo o exame mal nasceu e nós apercebemo-nos quando ele já andava a ver televisão, caminhava não muito bem mas já se conseguia movimentar tal fixo, e só nos apercebemos e eu a primeira instância tentei não ir logo para coisas muito graves foi mas será que ele ouviu, não está a ouvir bem, foi a primeira preocupação, só depois com a informação toda que tivemos é que... Nunca pensei que era assim uma coisa tão grave ... mas era.

E: Então quando é que foi dado o diagnóstico que ele tinha a perturbação do espectro do autismo? Tem ideia da idade que tinha?

S5: Mais ou menos dois anos, foi quando ele foi para o infantário, quando me mandaram pôr no infantário, foi dois anos, fomos lá e disseram que ele tinha que ir para o infantário e ele foi logo passado três dias, foi ao fazer dois anos.

E: Como é que se sentiu quando de facto lhe deram esse diagnóstico?

S5: Senti-me mal, não queria acreditar, mas... No primeiro momento não queria acreditar, senti-me mal, mas com o tempo comecei a perceber que na verdade havia muitas coisas que falaram que coincidia com o que ele fazia e eu tive que tomar uma opção que foi, olhar para a frente seguir o meu caminho para o poder ajudar o melhor possível enquanto poder e estiver ao meu alcance é a minha motivação, é acreditar que com a ajuda ele vai melhorar o melhor possível para ser autónomo que era aquilo que eu mais queria.

E: Como respondia aos seus amigos, vizinhos ou pessoas estranhas quando lhe faziam perguntas acerca da criança? Inicialmente.

S5: Fácil, problemas de desenvolvimento, foi o que me disseram na primeira instância antes e me disserem o que era mesmo diziam que era problemas de desenvolvimento, tanto que nos disseram, vai a uma consulta de desenvolvimento. Quando me perguntavam porque é que eu ia com ele tantas vezes ao médico ao início era, problemas de desenvolvimento foi o que me disseram e era o que eu dizia.

E: Mas tinha a consciência de que poderia ser algo mais?

S5: Sim, isso tinha.

E: E agora quando alguém lhe pergunta o que é que responde?

S5: Que tem autismo.

E: E qual é esse sentimento? O que é que sente nesse momento?

S5: Ao início era... não é revoltante era triste ter que dizer que um filho tem um problema que, julgo eu, vou conseguir resolvê-lo não é na totalidade mas o melhor que posso, julgo que vou conseguir resolver, não interessa se é muito se é pouco mas de certeza absoluta que ele vai ficar melhor e vai ficar autónomo, tenho a certeza com o decorrer dos anos muita insistência ele vai conseguir mas... pronto, o que é que dizia agora? Digo que tem autismo sem qualquer problema só que só me perguntam se é grave se não é grave e eu digo que não sei, neste momento para mim já vi pior.

E: Inicialmente houve alguma situação complicada em público que vivenciou com ele? Alguma situação com ele que em público o incomodou?

S5: Uma vez só.

E: Quer falar? Se quiser falar fala se não...

S5: Posso falar, foi em Fevereiro deste ano, no dia de Carnaval fomos todos almoçar, os meus pais convidaram-me para ir almoçar e ele fez uma birra gigante, antes de chegar ao restaurante começou a chorar, a berrar e normalmente consegue-se pegar nele um bocado ao colo, caminha um bocado com ele e ele pára, uma hora sem parar, muito depois de termos chegado ao

restaurante ele lá se consegui acalmar e mesmo dentro do restaurante só, só ao almoçar é que se acalmou, foi desesperante, as pessoas a ver, nós a fazermos tudo o que podíamos fazer para o acalmar e ele não se acalmava de maneira nenhuma.

E: Qual é a situação mais agradável que queira partilhar connosco?

S5: Essa é fácil, é chegar a casa depois de um dia de trabalho que normalmente quando eu saio ele está a dormir, e chegar a casa e chamar por ele e ele vir ter comigo. Eu digo “Oh R tiveste a brincar?” ele vir a correr para mim, olhar para mim nos olhos, e ele sente e eu sentir que ele sabe que eu sou pai dele, fácil, essa é fácil, porque eu chegava a casa tanto fazia chegar uma vez, duas, três, quatro e ele não ligava nenhuma e agora eu chamo por ele e ele vem para o meu colo e sabe quem é o pai tenho a certeza absoluta disso.

E: E o que é que sente nesse momento?

S5: A maior alegria do mundo.

E: Considera que interagem bem com o seu filho? Assim como todas as outras pessoas que te vêm sabem que tu interagés muito bem com ele, de que forma é que acha que conseguiu alcançar isso?

S5: É assim eu acho que interajo muito bem com ele, eu. Eu acho agora os outros não sei, agora o que eu sei é que tenho muito que aprender porque infelizmente tenho pouco tempo para ele, gostava de ter mais um bocada, mas ele também precisa, acho eu, isto é o que eu acho, acho que ele precisa do espaço dele e eu preciso do meu, eu para estar bem com ele devido ao trabalho que ele dá, supostamente trabalho, não é trabalho nenhum mas é o trabalho que ele dá, eu tenho que estar bem mentalmente para poder conviver com ele, porque se eu estiver nervoso à beira dele não adianta nada, vou transmitir aquele nervoso, que estou nervoso e ele vai ficar nervoso também e não consigo brincar com ele, mas dentro do tempo que eu tenho disponível eu para mim faço o melhor que posso e que sei e que aprendi para o ajudar no melhor que posso. Os outros? Não sei o que é que eles acham, eu tento fazer o meu melhor, sempre.

E: Acha que de alguma forma tem uma atitude diferente agora do que aquela que tinha há dois anos atrás?

S5: Sim, sem dúvida.

E: O que é que acha que aconteceu para... O que é que há de diferente nessa atitude? O que é que aconteceu? O que quer falar sobre isso?

S5: Ao início a minha atitude, como é que eu hei-de explicar... Como eu nunca tinha ouvido falar em autismo nem nada que se parecesse nem nunca pensei que isso ia passar na minha vida, ao início foi um bocado difícil de digerir, ao início não queria acreditar bem, não queria pensar muito nisso, pensei sempre que podia não ser, ver sempre o lado positivo. Atualmente é, ... é, não há volta a dar então como é eu tive que deixar cair a ficha e ligar a ficha outra vez e dizer

assim “Não isto é e ele precisa de mim, eu tenho que o ajudar” e comecei a fazer coisas em prol de ele ficar bom e comecei a ver algumas melhorias que não tinha visto nunca, nem nunca pensei porque alguém que conhece bem o R sou eu, não há ninguém que o conheça melhor do que eu, não é por ser pai é um dom que eu tenho que vejo, eu queria que ele estivesse melhor mas a 300%, não está mas está melhor do que o que estava. Desde que começou a fazer terapias e eu ir com ele, nós a insistir em casa, tanto no infantário, como em casa, como nas terapias, as terapias podem não ter tido o efeito que eu queria, mas tiveram algum efeito para melhorar em coisas que eu acho que são importantes como, por exemplo, ainda há bocado falei, o R estava a ver televisão com dois anos e não ligava nenhuma, o R agora não vê televisão, eu posso ter a televisão ligada na sala, o R pode estar com o pai ou com a mãe na cozinha seja a fazer o que nós estamos a fazer na cozinha, ele não quer estar a ver televisão sozinho e isso é muito bom. Uma criança com um problema de autismo normalmente quer estar isolada, no sítio dela, no canto dele, a fazer aquilo só para ela e não quer estar... Ele quer estar tanto com o pai ou com a mãe a conviver na cozinha, esteja eu a pôr a mesa, esteja eu a fazer a comida, ou a mãe igual, ele quer estar à nossa beira e isso é muito bom, muito importante, foi um desenvolvimento para mim uma parte crucial porque é muito triste termos um filho dentro de casa e ele não liga nenhuma ao pai e à mãe. Atualmente ele podia estar a ver televisão ou a fazer fosse o que ele quisesse e não estava a ligar nenhuma nem ao pai nem à mãe, atualmente não, ele quer estar com o pai e com a mãe, eu ligo a televisão e ele não liga nenhuma à televisão. É preciso dizer “vai ver televisão, o papá está a pôr a mesa, vai ver televisão” e ele não vai ficar à minha beira. Para mim essa foi a parte mais importante.

E: Tem um tempo específico para estar com o seu filho diariamente?

S5: Não, não porque a minha vida... Queria que me permitisse mas não permite, eu tanto estou meia hora, como uma hora, como um quarto de hora, depende da disponibilidade que eu tiver todos os dias, depende e muitas vezes depende da disponibilidade que ele tem em salvo seja, em me aturar, percebeste? Porque muitas vezes eu até tenho tempo e quero brincar com ele, mas ele está cansado e não quer brincar.

E: Em que medida considera que podia ser benéfico para a criança estar mais tempo nas interações de um para um?

S5: Muita. Ele se tivesse mais interação comigo ou com a mãe de um para um e se tivesse nas férias, isso é notável nas férias, é notável que ele está quinze dias connosco e ele interage muito mais quando estamos de um para um com ele, tanto eu como a mãe, ou então os três ao mesmo tempo, ouve mais, está com mais atenção, principalmente fora de casa, dentro de casa ele parece que cria a rotina dele e agora é isto depois é aquilo, quando sai fora de casa e a rotina dele muda mas muda com o pai, muda a rotina dos três, percebes? Ele não estranha, mudando a rotina dos três ele está com o pai e com a mãe, sente-

se salva guardado acho eu, sente-se salva guardado então tudo o que nós fazemos ele vê, aceita, gosta, anda tranquilo, descansado, é diferente, é completamente diferente.

E: Há pouco falou que a competência de interação que tem com a criança depende também da disponibilidade dele, da disposição dele. E em relação ao adulto, acha que a competência de interação também depende da disponibilidade do adulto?

S5: Sim, sem dúvida nenhuma.

E: Que fatores poderão condicionar essa disponibilidade?

S5: Cansaço. O cansaço é a parte mais importante, faz com que não se tenha... Para lidar com uma criança com autismo, foi como eu disse há bocado tem que se estar, não é rir-se, nem bem disposto, é estar mentalmente mais ou menos descansado para ter paciência para o que ele vai fazer, não é para insistir, “tens que fazer, tens que fazer” é olhar para ele e conseguir perceber aquilo que ele quer para se antecipar, tas a perceber o que quero dizer? Porque eu só de olhar para ele eu parece que consigo prever o que é que ele quer antes de ele o pedir, se eu estiver cansado mentalmente ele é mais rápido do que eu e muitas vezes eu não consigo... Como é que eu vou explicar, não consigo perceber bem aquilo que ele quer e eu se tiver bem mentalmente, fresco mentalmente eu já estou a perceber o que é que ele quer, o que é que ele me vai pedir, eu não lhe dou percebes, mas prevejo rápido e tenho mais paciência muito mais paciência porque há coisas que estas crianças fazem muitas asneiras, temos de estar sempre em cima, mesmo a brincar “ não ponhas na boca, não ponhas na boca”, se tu não tiveres paciência não consegues brincar com ele, não consegues transmitir tranquilidade para ele brincar contigo. Se estiveres descansada só a tranquilidade que tu demonstras ele está tranquilo, brinca contigo, ri-se para ti, faz o que tu mandas, chateia-te, tudo...

E: Queres falar um pouco das evoluções que ele tenha tido ao longo deste tempo? Ele tem tido evoluções...

S5: Sim.

E: Quer falar de duas ou três evoluções que ele tenha tido e tenha sido importantes para ti?

S5: Posso falar, a primeira evolução dele foi aquilo que eu comentei à bocado que foi ele deixar de ver televisão, isso para mim foi... Ele estava sempre colado à televisão, sempre, constantemente, eu estava sempre a ralar com ele, eu tinha de desligar a televisão, e agora não ter que ligar a televisão para ele conviver connosco lá em casa isso foi a primeira evolução. Não foi a primeira...

E: Foi uma...

S5: Foi uma. A outra é conseguir brincar com ele, não se conseguia brincar com ele. Eu se pegasse numa bola e lhe atirasse uma bola ele pegava na bola punha-se a olhar para ela, rodava a bola, fazia trinta por uma linha com uma

bola, não atirava bola nenhuma, estou a falar numa bola, mas qualquer brinquedo, atualmente eu já consigo brincar com ele não como eu queria, mas consigo brincar porque comecei a brincar mais com coisas que ele gosta, que se eu lhe der uma coisa que não tem interesse nenhum... É como nós, é igual, não queres mexer naquilo, não mexes e ele é igual, aquilo que ele mais gosta se brincar com ele, ele brinca connosco e isso ao brincar eu vejo que ele está satisfeito, está-se a rir para mim é sinal que ele está a gostar pronto. E a terceira evolução foi aquilo que eu disse há bocado também, já repeti não sabia que tinha de responder a isto, foi eu chegar a casa e ele saber que era o pai que estava a chegar a casa.

E: Muito bem. Existem diferentes técnicos que trabalham com o vosso filho e que conseguem interagir com ele e que consideramos que estão a desempenhar um bom trabalho. Gostava que me dissesse na sua perspetiva quais são as competências de cada um deles, ou seja, eu quero saber quais são as competências que facilitam a interação com o seu filho, competências de cada um destes intervenientes. Do sujeito um qual é que considera ser a grande competência desta pessoa para interagir com o seu filho? Do sujeito um.

S5: Ela interagir com o R, ela?

E: Sim. Qual é a competência dela para conseguir interagir com a criança?

S5: A competência dela é que ela é, como é que vou explicar, ela é assim, ela aqui em casa eu nunca estive com ela mas no infantário não sei, mas que ela é, digo eu, ela pensa num objetivo e de certeza absoluta que vai insistentemente batalhar até conseguir é o que eu acho dela e muitas vezes ela até exige de mais do que aquilo que deve ser para a altura que é, é o que eu acho.

E: Do sujeito dois.

S5: Do sujeito dois é assim essa é aquilo que eu penso...

E: Diga, é a sua perspetiva.

S5: É a que manda, é assim, olha para ele, só de olhar para ele faz aquela cara assim... Não é de ruim mas de respeito, olha para ele, ele olha para ela e põe-se assim em sentido e diz “bem tenho que cumprir as ordens porque se não alguma coisa não está bem”, ela é que impõe mais quando ele está a fazer coisas que não deve, isso é matemático.

E: Do sujeito três.

S5: O sujeito três, é assim desempenha um bom trabalho, é carinhosa com ele, sabe levá-lo, sabe “imposturá-lo” um bocadinho, é calma, , brinca com ele e diz “ não, não R, não é assim, não é assado”, consegue leva-lo, é meiga, consegue lhe dar a volta suavemente.

E: O sujeito quatro.

S5: O sujeito quatro na minha maneira de ver faz tudo o que pode para ele se sentir bem, é aquilo que eu penso, é aquilo que vejo, quando não é o sujeito

quatro é um problema, porque desde pequenino que está com o sujeito quatro, e julgo que se sente bem e tenho a certeza que ela faz conforme pode porque tem muita coisa também ao encargo dela, faz como ela pode, tenta cumprir da melhor maneira e eu confio.

E: Queres falar também de uma competência do sujeito seis?

(Risos)

S5: Uma competência do sujeito seis é fácil, o sujeito seis exige mais do que deve, algumas vezes tem razão outras vezes tem que ter mais calma, isso é o que eu estou sempre a dizer, o sujeito seis tem que ter mais calma e ouvir porque estas crianças não são burras são muito inteligentes, é preciso saber lidar com elas, para elas... não é fazer o que nós mandamos mas conseguir entender o que está mal, porque a insistência é que faz com que eles aprendam, não é... não vou dizer ralhar porque não é ralhar, o que nós fazemos não é ralhar, eu se o vir a fazer asneiras não lhe vou dar um beijinho, mas a maneira como se fala para ele tem que ser supostamente de ralhar, porque se tu ralhares com ele, ele pode te temer a ti mas vai fazer a asneira na mesma, ralhas com ele agora tu, saís eu fico com ele, ele não aprendeu que não pode fazer aquilo, porque ele não quer que ralhe com ele, quer que o ensine e o ralhar não é a forma correta de fazer isso é calma, essencialmente calma e tranquilidade porque se houver calma e tranquilidade ele consegue aprender mais rápido, eu sei por experiência própria.

E: Sim, sim. E nos momentos que existe interação com o sujeito seis, qual é que pensa que nesse momento está a ser a competência mais bem desempenhada dessa...

S5: Tranquilidade, sem ralhar, se houver tranquilidade sem ralhar, às mil maravilhas.

E: Achas que essas competências desses intervenientes podem ser aprendidos?

S5: Não percebi, desculpa.

E: Essas pessoas têm determinadas competências, achas que essas competências podem ser aprendidas? Ou seja, que alguém lhes pode ensinar se elas não as tiverem?

S5: A estas? Sim, porque eu sou uma pessoa que se achar que alguma coisa não está bem sou o primeiro a falar, posso achar que estão a exigir de mais dele, ou acho que alguma coisa não está bem sou o primeiro a dizer, isso eu não tenho qualquer dúvida nenhuma, as pessoas que o estão a ajudar, estão a ajudar em primeiro lugar porque eu acho que são as pessoas certas porque eu acho que se não fossem quando houve uma pessoa que não estava a ser, a não estar a fazer as coisas supostamente corretas eu tratei de, não foi tirá-la de o ajudar mas arrumá-la um bocado para o lado porque ele não se sentia bem e tirando isso as outras pessoas todas que o estão a ajudar ele gosta delas, se eu

sinto que ele gosta delas e as pessoas o estão a ajudar e vejo que as competências das pessoas estão a ajudar neste momento são as adequadas.

E: Se pudesse escolher os profissionais para trabalhar com o seu filho, imagine que para o próximo ano teria um novo profissional, qual seria o perfil desse profissional? O que é que achas que esse profissional deveria ter?

S5: A mesma competência que o profissional está a tomar conta dele agora.

E: Qual é? (risos)

S5: Olhar por ele, cumprir algumas rotinas que têm que ser cumpridas, ajudá-lo dentro dos parâmetros que ele precisa ajudá-lo como, por exemplo, não é preciso muita coisa, eu sei que não é fácil, porque ele dá muito trabalho, mas levá-lo à casa de banho, mostrar-lhe um símbolo de ir à casa de banho, na comida mostrar sempre o comer, sei lá, muita coisa que é preciso durante um dia na escola e que tem sido cumprido, era isso que eu queria se trocar, quem for para lá fosse minimamente competente para fazer o que a outra pessoa estava a fazer minimamente.

E: Ok. Acha que quando uma pessoa não tem uma determinada competência consegue aprender?

S5: Mas um instrutor?

E: Qualquer interveniente.

S5: Depende da disponibilidade, depende do que vamos dizer...

E: Depende, não percebi o que disse da disponibilidade?

S5: Da disponibilidade e de encarar mesmo, porque eu posso chegar à beira de uma pessoa que não conheço de lado nenhum e dizer “Olha que o meu filho tem autismo, não podes ter isto aqui, ou cuidado com isto que ele pode partir”, depende da reação da outra pessoa, porque se a outra pessoa tiver uma reação e disser “ Não, não há problema nenhum, eu sei, eu suspeitava que ele tinha qualquer coisa” e conseguir encarar isso bem consegue aprender alguma coisa que a gente lhe diga “cuidado com isto, se ele quer por exemplo, ele vai-te pedir água mostras o símbolo da água” agora se é uma pessoa que encara mal não quero saber daquilo para nada, não aprende. Se for uma pessoa que, não é saber o que é porque eu também não sabia eu acho que 80% das pessoas só estando um bocadinho dentro disto, do autismo é que sabe, 80% da população portuguesa, se fosse no Brasil todos sabiam, aqui não sabem.

E: Ok. E no seu caso pessoal que competências julga ter para interagir com o seu filho?

S5: Essa não é fácil... Falar de mim, competências... O melhor que eu tenho para ser competente é ele gostar de mim, isso é a maior competência que eu tenho, que ele me transmite, o que ele mais gosta que eu faça é cócegas e brincar com ele, saltar na cama, saltar no trampolim, eu não tenho competência nenhuma quem tem as competências é ele, ele é que tem as competências todas

porque ele sem falar diz-me o que é que quer e eu só sigo aquilo que ele quer, ele quer brincar com um brinquedo eu vou atrás dele, ando sempre com ele, sempre, muitas vezes cansadinho mas ando sempre com ele, ele vem para a sala eu vou para a sala, então eu chego à sala e tento descobrir, que é assim que se brinca com ele, eu tenho de descobrir, vamos andar no cavalinho e ponho-o em cima do cavalo e ele sente que está no cavalo e ele fica, se não quiser ele salta logo do cavalo, e eu supostamente, supostamente sei logo o que ele quer, mas muitas vezes o que é que acontece? Quando ele está bem disposto e tem disponibilidade eu consigo contornar aquilo que ele quer para deixar para último, como é que eu te hei-de explicar... Ele quer a bola, eu sei que ele quer a bola para andar a saltar em cima dela e agarrado a mim, ao meu colo, mas eu não lhe quero dar logo a bola porque se não eu chego aqui à sala com dez brinquedos ou cinco brinquedos e ele só quer brincar com aquele e eu não quero e eu tento contornar, por exemplo, brincar com o jogo dos copos primeiro, que eu sei que ele gosta mais da bola, então o que é que eu faço, a minha competência é negociar o brinquedo antes de lá chegar e pego faço um desenho no quadro, ele senta-se no sofá à minha beira e começo a fazer um desenhinho da milu, da mãe, do pai, do parque, do infantário, e ele depois passado um bocado chateia-se e eu copos e quando chego ao fim já brinquei com ele, já passou mais de meia hora, e eu fiz um desenho para ele ver, brinco com os copos com ele, anda um bocadinho no cavalo, com a televisão acesa sempre e ele não quer saber da televisão, quer brincar comigo, não lhe faço as vontades todas mas tento que ele faça coisas diferentes comigo.

E: Muito bem agora até já me perdi. Os profissionais que trabalham com ele, quer com ele quer com crianças com esta problemática considera que deviam ter algum tipo de formação específica? Que tipo de formação aconselhava que as pessoas tivessem?

S5: Mas eu... Que tipo de formação.

E: Achas que essas pessoas que trabalham com crianças com as características do seu filho, que tipo de formação acha que seria importante as pessoas fazerem?

S5: É assim, as pessoas que trabalham com o meu filho, são todas dentro, julgo eu, do que ele precisa acho que têm formação suficiente para lidar com ele e saber, saber principalmente lidar com ele, saber lidar com ele porque estão dentro do problema dele porque se fossem pessoas que não estivessem dentro do problema dele eu acho que se haviam de informar e ter uma boa formação porque se não tiver o mínimo de formação para trabalhar com estes casos não...

E: E você enquanto pai alguma vez já fez alguma formação nesta problemática?

S5: Não. Eu formação não fiz nenhuma.

E: Mas acha que se fizesse algum tipo de formação poderia ajudá-lo de alguma forma?

S5: Não sei, honestamente não sei, não sei se...

E: Em relação à criança, por exemplo, acha que poderia ajudá-lo?

S5: Acho que não, eu se fizesse uma formação, porque no meio que eu estou envolvido eu faço aquilo que me ensinam e faço aquilo que me ensinam não é à minha maneira é mesmo da forma como me ensinaram, eu se alterar alguma coisa daquilo que me ensinaram eu tento me informar primeiro se estou a fazer corretamente.

E: E, por exemplo, aos adultos, não pensa que algum tipo de formação poderia ajudar a mãe e o pai? Como lidar com a situação?

S5: Se fosse o pai ou a mãe a tirar a formação para o ajudar?

E: Sim. Quando dizemos formação, não quer dizer necessariamente receber informações pode ser no sentido de trocas de experiências com outros pais da mesma situação.

S5: Isso era bom, se fosse troca de informação com pais com filhos com o mesmo problema se calhar ia ser benéfico para tirar ideias e aprender coisas diferentes que podem agora não acontecer e vir acontecer mais tarde, por exemplo, e muitas vezes até acontecer as mesmas coisas e haver uma maneira mais simples de o acalmar, por exemplo, de brincar de uma maneira diferente para ele se sentir melhor coisas que às vezes uma pessoa nem dá por ela, são coisas banais que uma pessoa prontos não consegue perceber como é que há-de resolver o problema e se calhar os pais, outros pais conseguiram resolver o problema fácil e nós ainda não chegamos lá, isso era benéfico.

E: Considera que a participação de todos os intervenientes de alguma forma tem ajudado o desenvolvimento do vosso filho?

S5: Sim, sem dúvida.

E: Agora quero fazer uma pergunta que é a seguinte, quais são as expectativas em relação ao futuro do seu filho?

S5: Isso não sei, ele tem desenvolvido isso sem dúvida nenhuma como eu falei durante a entrevista toda, ele tem desenvolvido, queria que ele tivesse desenvolvido mais, mas o facto de ele ter desenvolvido alguma coisa para mim é bom, porque nestes casos tudo o que seja desenvolvido é bom, não é muito, é devagar e desenvolver.

E: Mas o que é que desejaria?

S5: Que ele fosse autónomo, que ele fosse autónomo, tenho uma preocupação muito grande que é ele ainda não falar é uma preocupação grande minha, mas a minha maior preocupação é ele ser autónomo porque um dia que eu falte queria que ele minimamente conseguisse tomar conta dele sozinho, gostava que ele, não é ser melhor que ninguém, estes casos são complicados, mas gostava que ele fosse autónomo prontos nem que esteja com alguém que não seja o pai ou a mãe, mas conseguir ir a uma casa de banho sozinho, fazer a vida normal sozinho. Ser autónomo era a minha maior alegria.

E: E vai ser possível... Para terminar queria que me dissesse a sua idade, a formação, e a profissão. Quantos anos tem?

S5: 36 anos, a formação?

E: Sim quais as habilitações?

S5: 9º ano de escolaridade.

E: E a profissão?

S5: Metalomecânico.

E: E agora mesmo para terminar, uma característica, algo em ti que te motiva todos os dias para estar com o teu filho e interagir com ele.

S5: Amar o meu filho do fundo do coração... é uma força muito grande para me dar todos os dias.

E: Obrigada

Entrevista Sujeito 6

E: No dia 10 de Abril nasceu o tão esperado filho, como é que se sentiu com o nascimento do seu filhote?

S6: Foi uma experiência diferente das outras mães porque foi uma cesariana não programada de urgência e eu nem tive muito a noção do que é que aconteceu e eu só o consegui ver três dias depois. Não foi aquela sensação que toda a gente acha é a maior alegria do mundo e não sei quê... eu não consegui sentir isso na hora porque não estava bem e não estava acordada. Quando eu o consegui ver foi um misto de emoções, alegria e de medo ao mesmo tempo porque ele era muito pequenino e estava doente e cuidaram dele, pronto... foi assim uma situação mesmo difícil e ao mesmo tempo muito alegre, com muito medo, muita coisa...

E: Muito bem. Antes de ter o seu filho tinha conhecimento da problemática das perturbações do espectro autismo?

S6: Não, não sabia, nem conhecia ninguém com essa situação.

E: Quando é que se apercebeu que algo estava... que era diferente, que alguma coisa se estava a passar com o seu filho?

S6: Entre os quinze e os dezoito meses.

E: O que é que se apercebeu nessa altura?

S6: Que ele começou a regredir em termos de vocalizações, falava meia dúzia de palavras depois de repente deixou de falar, deixou de responder ao nome e de apontar para os objetos, começou a centrar-se mais nele próprio e a rodar rodas de carros.

E: O que é que sentiu nessa altura quando se apercebeu que alguma coisa diferente estava a acontecer?

S6: Não queria acreditar, depois quando ia às consultas à médica do hospital eu perguntei-lhe uma vez diretamente e ela disse que não era nada, que não podia ser isso, depois na consulta seguinte eu notava que essa diferença estava mais evidente e voltei a perguntar e ela continuou a negar até que depois mandou-o para a consulta de desenvolvimento e a médica então depois de ter feito algumas questões de um questionário próprio disse que realmente era isso que ele tinha...

E: O que é que sentiu nessa fase?

S6: Pensei que o mundo tinha desabado em cima de mim, não estava mesmo... é assim eu já aquela noção... já para aí à meio ano que andava a suspeitar que fosse isso mas elas não me diziam logo diretamente que era isso ou porque não queriam dizer logo o que era, ou porque podia não ser, fizeram que achasse que era mas ao mesmo tempo tivesse assim meio adormecida e que tivesse assim tipo numa aura de acreditar ou não acreditar e quando elas

disseram mesmo que era foi assim tipo um choque gigante e absorver isso tudo foi muito difícil.

E: Que idade tinha a criança quando foi dado esse diagnóstico?

S6: Vinte e dois meses.

E: Nessa fase inicial como é que respondia aos seus amigos, aos seus vizinhos ou estranhos quando faziam perguntas à cerca da criança? Nessa fase inicial.

S6: Normalmente não perguntavam assim muito porque também não era assim... As crianças com aquela idade, o que era díspar de umas crianças para as outras com essa idade não era assim muito evidente aos olhos de qualquer pessoa que estivesse meia dúzia de minutos com ele, ou uma hora ou duas, as crianças são assim mais aluadas, mais não sei quê... Qualquer pessoas... As pessoas mais sensíveis é que podiam notar qualquer diferença porque os mais... As pessoas que não lidavam com ele todos os dias ainda não notavam.

E: E as pessoas que sentia que se apercebiam o que é que você lhes respondia?

S6: Eu não respondia porque eles não perguntavam, ninguém tinha coragem para perguntar o que fosse e era o que mais me metia confusão nem era eu ter que dizer e eles sentirem que havia qualquer coisa e não perguntarem e não quererem ajudar ou partilhar ou qualquer coisa assim...

E: Confrontar...

S6: Sim.

E: E agora quando lhe perguntam o que é que você responde?

S6: Eu digo logo, ele tem autismo e não consegue reagir às situações como as outras crianças.

E: E como é que se sente a dar essa resposta agora às pessoas?

S6: Firme e certa... E é o que é. Custou muito a engolir, mas depois agora é isso que é e tem que ser e ele pode ter isso, mas pode ficar igual às outras crianças. Tem essa dificuldade acrescida, mas... É isso!

E: Inicialmente qual foi a situação mais complicada em público que vivenciou com ele? No início.

S6: Ele tinha aquelas birras como as outras crianças de se atirar para o chão mas isso passava despercebido porque as outras crianças também faziam, também fazem isso, aquelas birras de supermercado de se atirarem para o chão, ou de continuar a meter coisas na boca, as outras crianças só metem coisas na boca tipo até a um ano ou assim e ele ainda mete muitas coisas na boca e isso faz com que as pessoas olhem assim mais nos sítios públicos.

E: E numa fase inicial como é que se sentia quando sentia que de alguma forma as pessoas podiam olhar.

S6: Sentia-me mal não sei até que ponto sentia assim um bocado de desconforto, mas é assim cada um tem as suas diferenças...

E: E atualmente?

S6: Atualmente é assim, cada um tem as suas diferenças e se olham, espero que não olhem com olhos reprovadores com outros olhos, também não estou a pensar que eles estão a olhar por maldade.

E: Qual é a situação mais agradável que se lembre e queira partilhar?

S6: Todos os dias quando chego a casa e ele vem a correr dar-me um abraço, e é o mais importante.

E: E o que é que sente nesse momento?

S6: Que vale tudo apenas, todo sacrifício e tudo que não é sacrifício...
(Risos)

E: Considera que interage com o seu filho? E de que forma é que o faz?

S6: Quando interajo com ele tem que ser mesmo ao nível dele, tenho que me debruçar sobre ele e fazer as coisas que ele mais gosta não estar atenta a brincar com ele assim do nada é aproximar-me dele com calma, é quando ele está disposto naquele momento, se quer brincar com a bola ou se quer apenas só dar uns mimos, ou se quer estar a fazer cócegas, temos que ver o dia a dia e a disponibilidade que ele está nesse dia para a aproximação que ele está disposta a receber.

E: Pensa que a sua atitude tem mudado ao longo dos tempos de forma a conseguir interagir melhor com o seu filho?

S6: Sim porque antes qualquer coisa que ele fizesse mais errado ficava assim mais nervosa, não sei... Agora tento não ficar nervosa e levar tudo para o lado melhor... Ele tem um movimento repetitivo que é rodar coisas, ainda agora voltou a rodar coisas e isso... Agora perdi-me...

E: A mudança de atitude, que atitude acha que teve, que mudou para conseguir interagir melhor com ele?

S6: Pronto quando ele fazia esse tipo de coisas que eu estava a dizer, às vezes ficava irritada e tirava-lhe as coisas e tudo, agora não, tento aproximar-me dele com alguma coisa que seja mais chamativa do que aquilo e chamar atenção para ele brincar antes com outra coisa e dar-lhe mais apoio, carinho, não tirar aquilo á bruta ou assim...

E: Tem um tempo específico diário para estar com a criança?

S6: Tento quase todos os dias ter esse tempo normalmente é uma hora um bocadinho antes do jantar para fazer alguma atividade mais centrada nele, queria ter mais, mas neste momento não...

E: Era isso que eu ia perguntar, acha que esse tempo específico que está com ele é suficiente?

S6: É assim não é suficiente nem deixa de ser, mas se fosse mais era melhor e eu sinto que se fosse mais e de melhor competência que era muito melhor para ele.

E: Em termos, por exemplo, de minutos tem ideia de quantos são esses minutos por dia? Que diariamente está com ele, uns dias podem ser mais outros dias podem ser menos... Mas em termos de minutos tem a noção do tempo que interage com ele de um para um?

S6: Eu queria que fosse mais, mas entre quarenta a uma hora mais ou menos, às vezes mais outras vezes menos, dependendo da disponibilidade que ele está nesse dia.

E: Em que medida considera que podia ser benéfico para a criança estar mais tempo nas interações de um para um?

S6: Em que medida?

E: Sim, que acha que podia ser benéfico.

S6: Seria muito mais benéfico porque tinha alguém centrado só nele e as necessidades dele e disposto só a o ajudar e a fazer com que ele melhorasse nas suas capacidades.

E: E o que é que acha que conseguiria desenvolver, que sentido poderia desenvolver estando ele maior tempo nas interações de um para um com o adulto?

S6: Poderia desenvolver em todos os aspetos, aspetos de interação mesmo social e mesmo motora, motorização fina e tudo, e mesmo o contato social mais, de olhar para o outro...

E: A competência de interação que tem com a criança depende de quê na sua opinião?

S6: Da disponibilidade dele para estar com o outro e da nossa entrega total para estar com ele.

E: A sua entrega, a sua disponibilidade acha que depende de quê?

S6: Do estado de espírito que vem no que se passou durante o dia conosco, claro que temos de nos abstrair ao máximo, mas se acontecer alguma coisa muito má nesse dia não conseguimos estar tão focados como deveríamos estar e isso compromete aquele bocadinho.

E: Quer falar um pouco das evoluções e conquistas que ele tem adquirido ao longo dos últimos tempos?

S6: É assim é um bocadinho difícil...

E: Se ele tem feito algumas evoluções...

S6: Sim tem...

E: Quer mencionar algumas?

S6: Puxar a roupa para baixo e para cima quando vai à sanita (risos).

E: Está mais autónomo (risos)

S6: Sim está mais autónomo, a comer é muito trapalhão e estou a trabalhar para ver se ele come mais devagar, porque quando é alguma coisa que ele goste, que ele gosta de quase tudo, come muito rápido e depois nem mastiga muito bem a comida, estou a tentar com que ele agüente mais um bocadinho

sem estar a meter tudo para a boca, em termos de beber pelo copo ele está sempre... É um bocadinho inconstante, tanto bebe bem como se distrai e ainda vira, quero começar agora a ver se consigo com ele comece a andar de bicicleta, que comece a pedalar porque ele ainda não consegue bem, ainda não tem aquela força, mas em compensação já faz outro tipo de atividades que consegue suportar o peso do corpo dele, segurar-se e não cair logo, pronto... E consegue mexer em texturas diferentes, não ficar aflito quando vê alguma coisa pegajosa, alguma coisa assim mais... Por exemplo, mexer em feijões, mexer em farinha, e assim outros materiais que lhe metiam confusão está aos poucos conseguir adaptar-se a essas texturas.

E: E em termos de interações sociais o que é que acha? Acha que tem melhorado?

S6: É assim eu acho que ele olha mais para os outros meninos, mas eu não consigo estar, quando ele está com outras crianças não sou eu que estou à beira dele mas eu acho que ele consegue olhar para as outras crianças, se calhar não sabe bem como é há-de chegar a elas mas nota mais a existência delas porque antes passavam-lhe assim um bocado ao lado era como se não existissem só via os adultos e agora já nota que estão lá e até consegue estar atento ao que elas estão a fazer mesmo ainda não conseguindo ainda se chegar a elas.

E: Sei que existem diferentes técnicos que trabalham com o vosso filho e que conseguem interagir com ele e que consideramos que estão a desempenhar um bom trabalho. Gostava que me dissesse na sua perspetiva quais são as competências de cada um, ou seja, eu quero saber as competências que considera que facilitam a interação com o seu filho cada uma desses intervenientes de educação. O sujeito um, qual é que acha a competência que tem de forma a interagir com o R?

S6: É genuína e adora-o e adora aquilo que faz.

E: O sujeito dois. (Risos)

S6: (Risos) É divertida e faz-lhe assim umas marotices de vez em quando que ele adora.

E: A três.

S6: É a pessoa mais disponível que eu conheço e uma facilitadora muito importante.

E: A quatro.

S6: Também, é muito querida e faz-lhe as vontades todas.

E: E agora quer dizer... (Risos) A competência do cinco.

S6: (Risos) Do cinco...

E: Sim...

S6: Mima-o de mais, ele está a aprender a dormir sozinho, mas não o conseguem deixar adormecer sozinho (Risos) é uma luta...

(Risos)

E: Mas tem uma competência muito boa de certeza, qual é que acha que é a maior competência dele.

S6: Ama-o muito...

E: Muito bem... Considera que essas competências destes intervenientes podem ser aprendidas? Acha que são competências que as pessoas aprendem a tê-las?

S6: É assim elas podem ser trabalhadas, mas se as pessoas não nascem para aquilo não nasce e pronto, eu acho... Porque há pessoas que podem aprender e sabem a teoria toda, mas se interiormente não estão... Não têm aquela coisa não conseguem transmitir essa leveza e essa disponibilidade para a criança e eles sentem mais do que aquilo que nós pensamos.

E: Se pudesse escolher os profissionais que trabalhassem com o seu filho qual seria o perfil que selecionava?

S6: Desses que falamos já foram escolhidos e eu esses não mudava...

E: Mas tinha alguém, alguém para trabalhar com o seu filho, que perfil ou competências achava que essas pessoas deveriam ter?

S6: Tinha que ser disponível, atento, meigo e que mal olhasse para ele e ele olhasse para eles também e lhe fosse dar um abraço, aí era a maior prova que ele estava receptivo a pessoa e que essa pessoa lhe tinha chamado a atenção e pronto é o mais importante à parte das competências que é preciso ter em termos mesmo técnicos para os ensinar a aprender qualquer coisa essas têm que ser sempre primordiais antes das outras.

E: E no seu caso pessoal, que competências julga ter para interagir com o seu filho?
Esta é difícil... (Risos) Não é fácil...

S6: É assim é o meu filho mesmo, é assim eu acho que há pessoas que têm essas competências melhores do que eu, que eu acho que às vezes nem sou assim, mas eu tento ao máximo e é a tal coisa não se aprende tem que nascer com a pessoa e é assim por ele eu sou capaz de fazer essas coisas todos e mais algumas e o que quer que seja porque se fosse eu a facilitadora para outras pessoas se calhar não tinha essa entrega como tenho para ele e pronto a capacidade que eu tenho entregar-me a ele e estar ali e estar disponível e estar preocupada e querer fazer o melhor.

E: Acharia importante que os profissionais que trabalham com crianças com esta problemática tivessem algum tipo de formação mais específica?

S6: Para além daquelas...

E: Da formação que cada uma tem nas suas áreas.

S6: Sim, para além dessa formação, para além das características que eu acho que as pessoas que envergam por uma profissão destas devem ter claro que uma especialização é sempre importante quanto mais se aprende melhor, por isso, sim.

E: E relativamente a formações no âmbito do desenvolvimento pessoal?

S6: Toda a gente deve fazer, em qualquer profissão, em qualquer situação.

E: Já fez alguma formação?

S6: Eu fiz.

E: Que formação fez que pensa que... Em que medida é que a formação que fez... Primeiro quero que me diga qual foi a formação que fez e depois quero que diga em que medida pensa que a ajudou na interação com o seu filho.

S6: Eu fiz a formação no *Sonrise* e isso ajudou-me a aceitar melhor e mais a diferença dele, porque só depois de nós conseguirmos aceitar e entender o que é que se está a passar e as dificuldades de cada um é que depois conseguimos entrar na situação e desmistificar aquele terror que nos passava inicialmente pela cabeça e nos entregar-mos melhor e ter mais frutos positivos para isso.

E: E essa formação ajudou-a em que sentido? Através das experiências que vivenciou lá, através de conhecimento transmitido, foi através de quê?

S6: Através da experiência pessoal dos interlocutores e através do discurso dos outros pais que foram falando, as opiniões e as vivências de cada um, a pessoa consegue ir assimilando os vários tipos de situação que vão acontecendo e dá-nos assim uma amplitude maior à cerca de problemática.

E: E em relação à criança, o que é que recorda como sendo mais marcante que ainda hoje a possa ajudar? Houve alguma coisa que aprendeu nessa formação que em relação ao seu filho ainda hoje aplica e que acha que foi útil?

S6: Ser persistente e nunca desistir.

E: Acha que os outros técnicos, os outros intervenientes de alguma forma ajudam?

S6: Sim, se não ajudassem não valia a pena, não, eu acho que sim porque são uma mais valia para ele em todos os aspetos.

E: Quais são as suas expectativas em relação ao futuro do seu filho?

S6: São as melhores, tenho esperança que ele consiga fazer o melhor possível e vou lutar para isso e espero que os outros intervenientes me ajudem, me apoiem, porque eu só quero o melhor para ele e espero que ele consiga desenvolver-se o melhor possível, consiga falar, consiga aprender a ler e essas coisas, a escrever e isso... Ser mais autónomo.

E: Muito bem. Agora para terminar queria que fizesse uma pequena caracterização da sua pessoa, idade, a sua formação, a profissão e uma característica que a motiva para quando de alguma de forma se vai abaixo, o que é que a motiva para avançar. A primeira qual é a idade?

S6: Trinta e cinco

E: A formação?

S6: Licenciatura em contabilidade e auditoria.

E: A profissão.

S6: Bancária

E: E agora uma característica motivacional.

S6: Amanhã será melhor

E: Muito bem. Obrigada

Anexo 4

Quadro Categorical

Categoria	Subcategoria	Entrevista
	<p><u>Conhecimento da Problemática</u></p>	<p>S5 – Não.</p> <p>S5 – É assim, conhecer conhecia estive uma vez com a pessoa e nunca mais estive, foi há muitos anos atrás.</p> <p>S5 - Nem fui eu que me apercebi muito bem, foi mais a minha esposa que se apercebeu e quando falou comigo e eu na realidade vi, foi quando na altura chamava-se pelo nome e ele não olhava para nós, tão simples quanto isto, chamava-se o nome dele e se ele estivesse a ver televisão continuava a ver televisão e era como se não estivesse ninguém à beira dele, foi assim que demos conta que algo não estava bem.</p> <p>S6 – Não, não sabia, nem conhecia ninguém com essa situação.</p> <p>S6 – Entre os quinze e os dezoito meses.</p> <p>S6 – Que ele começou a regredir em termos de vocalizações, falava meia dúzia de palavras depois de repente deixou de falar, deixou de responder ao nome e de apontar para os objetos, começou a centrar-se mais nele próprio e a rodar rodas de carros.</p>
	<p><u>Família face ao Diagnóstico</u></p>	<p>S5 – Pensei que não era nada, depois pensei, será que ele está a ouvir, podia não estar a ouvir bem, mas ele fez o exame e disseram que estava aparentemente tudo bem mas já tinha passado algum tempo do exame, porque ele fez logo o exame mal nasceu e nós apercebemo-nos quando ele já andava a ver televisão, caminhava não muito bem mas já se conseguia movimentar tal fixo, e só nos apercebemos e eu a primeira instância tentei não ir logo para coisas muito graves foi mas será que</p>

	<p>ele ouviu, não está a ouvir bem, foi a primeira preocupação, só depois com a informação toda que tivemos é que... Nunca pensei que era assim uma coisa tão grave... mas era.</p> <p>S5 - Mais ou menos dois anos, foi quando ele foi para o infantário, quando me mandaram pôr no infantário, foi dois anos, fomos lá e disseram que ele tinha que ir para o infantário e ele foi logo passado três dias, foi ao fazer dois anos</p> <p>S5 - Fácil, problemas de desenvolvimento, foi o que me disseram na primeira instância antes e me dizerem o que era mesmo diziam que era problemas de desenvolvimento, tanto que nos disseram, vai a uma consulta de desenvolvimento. Quando me perguntavam porque é que eu ia com ele tantas vezes ao médico ao início era, problemas de desenvolvimento foi o que me disseram e era o que eu dizia.</p> <p>S5 – Que tem autismo.</p> <p>S6 – Não queria acreditar, depois quando ia às consultas à médica do hospital eu perguntei-lhe uma vez diretamente e ela disse que não era nada, que não podia ser isso, depois na consulta seguinte eu notava que essa diferença estava mais evidente e voltei a perguntar e ela continuou a negar até que depois mandou-o para a consulta de desenvolvimento e a médica então depois de ter feito algumas questões de um questionário próprio disse que realmente era isso que ele tinha...</p> <p>S6 – Pensei que o mundo tinha desabado em cima de mim, não estava mesmo... é assim eu já aquela noção... já para aí à meio ano que andava a suspeitar que fosse isso mas elas não me diziam logo diretamente que era isso ou porque não queriam dizer logo o que era, ou porque podia não ser, fizeram que achasse que era mas ao mesmo tempo tivesse assim meio adormecida e que tivesse</p>
--	---

		<p>assim tipo numa aura de acreditar ou não acreditar e quando elas disseram mesmo que era foi assim tipo um choque gigante e absorver isso tudo foi muito difícil.</p> <p>S6 – Vinte e dois meses.</p> <p>S6 - Normalmente não perguntavam assim muito porque também não era assim... As crianças com aquela idade, o que era díspar de umas crianças para as outras com essa idade não era assim muito evidente aos olhos de qualquer pessoa que estivesse meia dúzia de minutos com ele, ou uma hora ou duas, as crianças são assim mais aluadas, mais não sei quê... Qualquer pessoa... As pessoas mais sensíveis é que podiam notar qualquer diferença porque os mais... As pessoas que não lidavam com ele todos os dias ainda não notavam.</p> <p>S6 - Eu não respondia porque eles não perguntavam, ninguém tinha coragem para perguntar o que fosse e era o que mais me metia confusão nem era eu ter que dizer e eles sentirem que havia qualquer coisa e não perguntarem e não quererem ajudar ou partilhar ou qualquer coisa assim...</p> <p>S6 - Eu digo logo, ele tem autismo e não consegue reagir às situações como as outras crianças.</p>
	<p><u>Mudança de Atitude</u></p>	<p>S5 – Senti-me mal, não queria acreditar, mas... No primeiro momento não queria acreditar, senti-me mal, mas com o tempo comecei a perceber que na verdade havia muitas coisas que falaram que coincidia com o que ele fazia e eu tive que tomar uma opção que foi, olhar para a frente seguir o meu caminho para o poder ajudar o melhor possível enquanto poder e estiver ao meu alcance é a minha motivação, é acreditar que com a ajuda ele vai melhorar o melhor possível para ser autónomo que era aquilo que eu mais queria.</p>

		<p>S5 - Ao início era... não é revoltante era triste ter que dizer que um filho tem um problema que, julgo eu, vou conseguir resolvê-lo não é na totalidade mas o melhor que posso, julgo que vou conseguir resolver, não interessa se é muito se é pouco mas de certeza absoluta que ele vai ficar melhor e vai ficar autónomo, tenho a certeza com o decorrer dos anos muita insistência ele vai conseguir mas... pronto, o que é que dizia agora? Digo que tem autismo sem qualquer problema só que só me perguntam se é grave se não é grave e eu digo que não sei, neste momento para mim já vi pior.</p> <p>S6 – Firme e certa... E é o que é. Custou muito a engolir, mas depois agora é isso que é e tem que ser e ele pode ter isso, mas pode ficar igual às outras crianças. Tem essa dificuldade acrescida, mas... É isso!</p> <p>S6 - Sim porque antes qualquer coisa que ele fizesse mais errado ficava assim mais nervosa, não sei... Agora tento não ficar nervosa e levar tudo para o lado melhor... Ele tem um movimento repetitivo que é rodar coisas, ainda agora voltou a rodar coisas</p> <p>S6 – Pronto quando ele fazia esse tipo de coisas que eu estava a dizer, às vezes ficava irritada e tirava-lhe as coisas e tudo, agora não, tento aproximar-me dele com alguma coisa que seja mais chamativa do que aquilo e chamar atenção para ele brincar antes com outra coisa e dar-lhe mais apoio, carinho, não tirar aquilo á bruta ou assim...</p>
	<p><u>Evolução da Criança</u></p>	<p>S5 – Posso falar, a primeira evolução dele foi aquilo que eu comentei à bocado que foi ele deixar de ver televisão, isso para mim foi... Ele estava sempre colado à televisão, sempre, constantemente, eu estava sempre a ralhar com ele, eu tinha de desligar a televisão, e agora não ter que ligar a televisão para ele conviver connosco lá em casa isso foi a primeira evolução. Não foi a primeira...</p>

		<p>S5 – Foi uma. A outra é conseguir brincar com ele, não se conseguia brincar com ele. Eu se pegasse numa bola e lhe atirasse uma bola ele pegava na bola punha-se a olhar para ela, rodava a bola, fazia trinta por uma linha com uma bola, não atirava bola nenhuma, estou a falar numa bola, mas qualquer brinquedo, atualmente eu já consigo brincar com ele não como eu queria, mas consigo brincar porque comecei a brincar mais com coisas que ele gosta, que se eu lhe der uma coisa que não tem interesse nenhum... É como nós, é igual, não queres mexer naquilo, não mexes e ele é igual, aquilo que ele mais gosta se brincar com ele, ele brinca connosco e isso ao brincar eu vejo que ele está satisfeito, está-se a rir para mim é sinal que ele está a gostar pronto. E a terceira evolução foi aquilo que eu disse há bocado também, já repeti não sabia que tinha de responder a isto, foi eu chegar a casa e ele saber que era o pai que estava a chegar a casa.</p> <p>S6 – Sim tem...</p> <p>S6 - Puxar a roupa para baixo e para cima quando vai à sanita.</p> <p>S6 – Sim está mais autónomo, a comer é muito trapalhão e estou a trabalhar para ver se ele come mais devagar, porque quando é alguma coisa que ele goste, que ele gosta de quase tudo, come muito rápido e depois nem mastiga muito bem a comida, estou a tentar com que ele aguento mais um bocadinho sem estar a meter tudo para a boca, em termos de beber pelo copo ele está sempre... É um bocadinho inconstante, tanto bebe bem como se distrai e ainda vira, quero começar agora a ver se consigo com ele comece a andar de bicicleta, que comece a pedalar porque ele ainda não consegue bem, ainda não tem aquela força, mas em compensação já faz outro tipo de atividades que consegue suportar o peso do corpo dele, segurar-se e não cair logo, pronto... E consegue mexer em texturas diferentes, não ficar aflito quando vê alguma coisa pegajosa, alguma coisa assim mais... Por exemplo, mexer em feijões, mexer em farinha, e assim outros materiais que lhe metiam confusão está aos poucos conseguir adaptar-se a essas texturas.</p>
--	--	---

		<p>S6 – É assim eu acho que ele olha mais para os outros meninos, mas eu não consigo estar, quando ele está com outras crianças não sou eu que estou à beira dele mas eu acho que ele consegue olhar para as outras crianças, se calhar não sabe bem como é há-de chegar a elas mas nota mais a existência delas porque antes passavam-lhe assim um bocado ao lado era como se não existissem só via os adultos e agora já nota que estão lá e até consegue estar atento ao que elas estão a fazer mesmo ainda não conseguindo ainda se chegar a elas.</p>
	<p><u>Experiência Profissional</u></p>	<p>S1 - Todos os anos tenho, meninos com Espetro do Autismo, mas enquanto coordenadora sei que em cada, cada ano que passa à mais meninos em Intervenção Precoce já diagnosticados com Autismo, portanto quase todas as semanas vem um... com Autismo referenciado para a Eli não para mim, não é...</p> <p>S1 - Para a equipa.</p> <p>S2 - eu desde que acabei o curso sempre tive essa prática quer por voluntariado quer noutras instituições, mas depois sobretudo no centro sempre foi uma valência, ou seja, o próprio serviço sempre disponibilizou muito essas crianças, no entanto antes até de entrar no curso aquilo que eu fazia era o ATL de crianças no Colégio onde andei e eles sempre tiveram algumas crianças com Autismo e até outro tipo de Perturbações e eu sempre gostei muito de as acompanhar, por isso eu acho que desde sempre tenho muito esta interação com eles.</p> <p>S3 - Desde o início da minha prática clínica, portanto trabalho com essas crianças há cerca de dois, três anos.</p> <p>S3 - neste momento mais de 50% dos meninos que eu tenho, que estou acompanhar, têm Perturbações do Espetro do Autismo</p>

		<p>S3 - Dez, doze...</p> <p>S4 – É a primeira vez que estou a lidar com uma criança assim.</p> <p>S4 – Na sala de 1 ano.</p>
	<p><u>Dificuldade Inicial</u></p>	<p>S1 - ...acho que é mais ou menos o que se passa com os outros autista todos, aquele repare em mim, não é...</p> <p>S1 - E não só nos meus óculos ou nisto ou naquilo, uma coisa que lhe agrada, não é.... É aquele repare que existo, né e... que inicie uma interação comigo e que não foi difícil com o Rafael, foi fácil.</p> <p>S2 - todas as crianças quando nós as conhecemos nós precisamos de as conhecer, ou seja, nós precisamos de interagir com elas e perceber o temperamento, perceber como é que elas reagem, por exemplo, umas podem gostar muito que se interaja com elas, que se ria outras se calhar já não vão reagir da mesma forma. Eu acho que a questão em concreto com esta criança foi muito a novidade em si, o ser um espaço diferente, o não conhecer a área, não nos conhecer a nós e portanto muitas das vezes o não querer por exemplo um abraço, um beijinho, um sorriso, essa se calhar foi a maior dificuldade, só que eu não considero que tenha sido uma dificuldade porque eu acho que isto é normativo, nós temos que perceber o espaço e o tempo da criança e interagir consoante essas características mas se calhar pronto seria aquilo que salientaria como maior dificuldade.</p> <p>S3 - Com esta criança e penso que é transversal a todas, é o estabelecimento da relação terapêutica.</p>

		<p>S4 - a maior dificuldade foi interagir com ele, que ele olhasse para mim, que eu chamasse por ele e ele olhasse para mim.</p>
	<p><u>Experiências vivenciadas</u></p>	<p>S1 - Diretamente não mas de observação sim, vi duas. Uma vez no Jardim-de-infância que estava muito mal disposto, muito chorão que até a Maria teve dificuldade em o acalmar, não é... e uma vez no domicilio em casa, também o vi assim. Portanto não foi a que foi diretamente comigo, percebe? Comigo nunca, nunca, nunca tive um momento com o Rafael que eu não soubesse o que fazer.</p> <p>S1 - a mais agradável foi em casa. Porque acho que foi uma interação de medicina no pátio. Umas gargalhadas enormes, portanto.... Sendo uma criança com um déficit da comunicação da interação ninguém diria... não é.... que ali havia interação, pronto e comunicação. Não há é verbal, comunicação verbal mas imensa comunicação, para mim aquilo havia de ter sido filmado porque é realmente um gosto.</p> <p>S1 - Olhe sinto-me conectada. E quando me sinto conectada sinto-me bem, não é... Nunca, nunca fui capaz de levar estas situações de... de desempenho das crianças, não é, quando as crianças estão a fazer um desempenho para que nós estamos tando a trabalhar e os estamos a ver a minha felicidade é pelas crianças não é por mim nem pelo trabalho propriamente dito. É mesmo pelas crianças porque nós sentimos que as crianças só aprendem interagindo e se não interagirem não aprendem. É por isso que adoro a intervenção precoce acho que é a idade de ouro. Se as crianças derem valor à interação o resto do conhecimento imerge logo, interação com as pessoas depois com os brinquedos e vão aprendendo, portanto o meu consolo é em relação ao consolo das crianças e à felicidade delas.</p> <p>S2 - acho que é normativo muitas das birras que possa apresentar, ou dormiu mal, ou aconteceu alguma coisa, por exemplo, no caminho e pronto o facto de ela não estar bem isso vai influenciar</p>

	<p>obrigatoriamente o início da sessão de não conseguirmos interagir com ela da forma como queríamos, de não conseguirmos chegar até ela, acedermos até ela, ou ela não nos possibilitar isso.</p> <p>S2 - no início houve uma birra maior em que nós nem se quer lhe podíamos tocar mesmo, havia mesmo a recusa total.</p> <p>S2 - Com uma aproximação, tentando nos aproximar da criança em si, percebemos de facto que ela estava alterada, que não havia uma recetividade normal como ela costumava aparecer e como estava num estado tão irritado, tão agitado, pronto foi difícil claro que houve um afastamento, mas pronto foi gerido com normalidade como é óbvio.</p> <p>S2 - Um bocadinho impotente digamos, porque na verdade nós queríamos fazer o melhor para a criança, queríamos que ela fosse para lá, que ela tirasse partido, porque é algo que é prazeroso para a criança, no entanto como estava num estado tão agitado, claro não há esse alcance e nós ficamos um bocadinho do género 'ok como que vamos agora gerir isso'.</p> <p>S2 - são todas, acabam por ser todas no fundo porque a verdade é que não é preciso falar em específico nesta criança mas, quando nos chegam só o fato de estarem a sorrir ou de gostarem de ir para lá, da satisfação que têm ao montar ou até noutra contexto, eu acho que isso já acaba por valer apenas tudo e depois, vemos sobretudo as evoluções que elas fazem, a relação que elas criam connosco, é... Qualquer coisa, portanto eu acho que são todas as situações.</p> <p>S2 - sinto-me realizada, sinto que de facto o meu trabalho vale a pena, enquanto psicóloga, enquanto terapeuta que trabalha com animais, eu acho que quando nós fazemos algo que nós gostámos que nós gostámos mesmo e que achámos mesmo que vale apenas, se de facto vemos nos</p>
--	---

		<p>outros quer nos pais, quer nos familiares, quer na própria criança que de facto aquilo é prazeroso para eles então eu acho que está tudo dito</p> <p>S3 – Diretamente, trabalhando de um para um, perante um comportamento de oposição mais desajustado de uma birra em que a criança me pediu algum afeto, algum mimo, e foi necessário dizer 'agora não', ou seja, passar o mimo para depois, não retribuir imediatamente esse afeto para ver se estávamos na altura a trabalhar competências mais específicas muito associadas às regras, e foi importante para estabelecer determinados limites e regras no contexto em que estávamos a trabalhar e, esta criança na altura pediu-me mimo e foi se calhar a coisa mais complicada, foi a recusa desse afeto, sim... Naquele momento em específico.</p> <p>S3 - foi muito o não ser responsiva em termos afetivos e deixar isso para segundo plano e pensar, foi ter um processamento muito racional, pensar o que é que neste momento é mais importante, naquele momento era secundário ainda assim a parte afetiva é sempre algo que custa rejeitar quando foi algo tão espontâneo da criança.</p> <p>S3 - Muito desconfortável apesar de saber que racionalmente estava a ter a atitude mais correta em termos de maior eficácia da intervenção, é desconfortável, não é bem frustração é se calhar um bocadinho de angústia e assim aquele desconforto que mexe um bocadinho connosco. Na verdade, gostava de retribuir e achei que não era o mais indicado para o fazer</p> <p>S3 - Todas as situações onde estabeleça o contacto ocular com esta criança, ele tem o um contacto ocular fabuloso e extremamente expressivo, portanto e normalmente vêm sempre acompanhados de sorrisos muito expressivos que eu acho que tornam aqueles momentos mesmo fantásticos. A permanência do contacto ocular com ele.</p>
--	--	--

		<p>S3 – Sinto-me muito bem,... sinto-me muito envolvida no trabalho que estou a fazer, sinto que estou a ter resposta pela criança e que a minha presença está a fazer e está a ter uma reação no outro, portanto a forma como ele me devolve o contato ocular é sinal de que está presente, que está envolvido, está interessado no que estou e, não estou lá por mero acaso e ele não quer saber.</p> <p>S4 - Foi um dia em que ele estava descontrolado, estava muito agitado e eu queria tentar ajudá-lo, queria acalmá-lo, foi um bocadinho difícil mas eu consegui.</p> <p>S4 - Eu acho que resolve-se muita coisa dando carinho, peguei nele, abracei-o, aconcheguei-o e ele ao fim de alguns minutos acalmou e acabou por adormecer.</p> <p>S4 - Senti que o aconcheguei e no fim eu consegui acalma-lo e senti-me bem por conseguir acalmá-lo e ele ficar bem também.</p> <p>S4 - Ande aqui os anos que andar nunca me vou esquecer que é ir para a praia com ele e ver a alegria dele de chegar à praia principalmente quando vamos à água, porque senti que ele ali estava bem, que ali ele era feliz e senti-me feliz por ele estar assim porque realmente chegar ali e ver a alegria dele, foi muito bom.</p> <p>S4 - Senti-me muito feliz por ele, senti-me muito bem.</p> <p>S5 – foi em Fevereiro deste ano, no dia de Carnaval fomos todos almoçar, os meus pais convidaram-me para ir almoçar e ele fez uma birra gigante, antes de chegar ao restaurante começou a chorar, a berrar e normalmente consegue-se pegar nele um bocado ao colo, caminha um bocado com ele e ele pára, uma hora sem parar, muito depois de termos chegado ao restaurante ele lá se conseguiu acalmar e mesmo dentro do restaurante só, só ao almoçar é que se acalmou, foi desesperante, as</p>
--	--	--

		<p>peessoas a ver, nós a fazermos tudo o que podíamos fazer para o acalmar e ele não se acalmava de maneira nenhuma.</p> <p>S5 – é chegar a casa depois de um dia de trabalho que normalmente quando eu saio ele está a dormir, e chegar a casa e chamar por ele e ele vir ter comigo. Eu digo “Oh Rafael tiveste a brincar?” ele vir a correr para mim, olhar para mim nos olhos, e ele sente e eu sentir que ele sabe que eu sou pai dele, fácil, essa é fácil, porque eu chegava a casa tanto fazia chegar uma vez, duas, três, quatro e ele não ligava nenhuma e agora eu chamo por ele e ele vem para o meu colo e sabe quem é o pai tenho a certeza absoluta disso.</p> <p>S5 - A maior alegria do mundo.</p> <p>S6 – Ele tinha aquelas birras como as outras crianças de se atirar para o chão mas isso passava despercebido porque as outras crianças também faziam, também fazem isso, aquelas birras de supermercado de se atirarem para o chão, ou de continuar a meter coisas na boca, as outras crianças só metem coisas na boca tipo até a um ano ou assim e ele ainda mete muitas coisas na boca e isso faz com que as pessoas olhem assim mais nos sítios públicos.</p> <p>S6 – Sentia-me mal não sei até que ponto sentia assim um bocado de desconforto, mas é assim cada um tem as suas diferenças...</p> <p>S6 – Atualmente é assim, cada um tem as suas diferenças e se olham, espero que não olhem com olhos reprovadores com outros olhos, também não estou a pensar que eles estão a olhar por maldade.</p> <p>S6 - Todos os dias quando chego a casa e ele vem a correr dar-me um abraço, e é o mais importante.</p>
--	--	---

		<p>S6 - Que vale tudo apena, todo sacrifício e tudo que não é sacrifício...</p>
	<p><u>Relação Interpessoal</u></p>	<p>S1 - ...o início da nossa relação, não é, foi bem estruturado</p> <p>S1 - Eu dei sempre espaço...</p> <p>S1 - eu fui várias vezes ao Jardim de Infância que nem interagi com ele, fui só observá-lo, não é. E depois lentamente fui-me pondo ao lado dele.... Até que um dia ele reparou que estava a fazer uma coisa igual a ele. Que era bom estar ali a fazer igual. E acho que tem haver só a ver com isso com a forma, com a estrutura que respeitei o espaço dele até chegar a mim...</p> <p>S1 - Deixe-me só acrescentar uma coisa: eu não ia brincar com ele, ia brincar ao lado dele.</p> <p>S2 - no início houve uma birra maior em que nós nem se quer lhe podíamos tocar mesmo, havia mesmo a recusa total</p> <p>S2 – sem dúvida.</p> <p>S2 - De todas as formas possíveis e imaginárias, desde o falar, desde gestos, de brincadeiras, de tudo aquilo que seja possível sobre ter uma relação, basta olhar para ele percebo que existe uma relação, basta eu falar com ele, ele até pode não me responder verbalmente mas o facto de ou fazer um gesto ou olhar para mim, ou algo que despolette que eu perceba que ele me está a entender e que eu também dê resposta nele e que o estou a entender isso implica obrigatoriamente que há uma interação, uma relação.</p>

		<p>S3 – As resposta que ele me dá principalmente a parte não-verbal, o olhar, o estabelecimento do contacto ocular, a expressividade emocional através do sorriso, através das vocalizações, a parte comportamental com a procura de afeto, da procura de beijos, de abraços, de mimos, o toque, procura muito o toque esta criança quando está a interagir com os adultos. Sempre usando o apelar à criança, usar o nome da criança para chamar a sua atenção, o estabelecimento do contato ocular, mantendo-me sempre que possível ao nível da criança para falar com ela. Recorro muito ao toque como estimulação propriocetiva para chamar a atenção da criança em termos de concentração quando está mais distraída. Recorro muito sempre que possível ao jogo também, para ser uma atividade prazerosa para a criança para conseguir ir de encontro aos interesses.</p> <p>S4 – Interajo bem acho que sim. Chamo por ele e ele olha, brinco com ele</p> <p>S5 – eu acho que interajo muito bem com ele, eu. Eu acho agora os outros não sei, agora o que eu sei é que tenho muito que aprender porque infelizmente tenho pouco tempo para ele, gostava de ter mais um bocada, mas ele também precisa, acho eu, isto é o que eu acho, acho que ele precisa do espaço dele e eu preciso do meu, eu para estar bem com ele devido ao trabalho que ele dá, supostamente trabalho, não é trabalho nenhum mas é o trabalho que ele dá, eu tenho que estar bem mentalmente para poder conviver com ele, porque se eu estiver nervoso à beira dele não adianta nada, vou transmitir aquele nervoso, que estou nervoso e ele vai ficar nervoso também e não consigo brincar com ele, mas dentro do tempo que eu tenho disponível eu para mim faço o melhor que posso e que sei e que aprendi para o ajudar no melhor que posso. Os outros? Não sei o que é que eles acham, eu tento fazer o meu melhor, sempre.</p> <p>S6 – Quando interajo com ele tem que ser mesmo ao nível dele, tenho que me debruçar sobre ele e fazer as coisas que ele mais gosta não estar atenta a brincar com ele assim do nada é aproximar-me dele com calma, é quando ele está disposto naquele momento, se quer brincar com a bola ou se</p>
--	--	---

		<p>quer apenas só dar uns mimos, ou se quer estar a fazer cócegas, temos que ver o dia a dia e a disponibilidade que ele está nesse dia para a aproximação que ele está disposta a receber.</p>
	<p><u>Tempo</u></p>	<p>S1 - No jardim de Infância tenho, no domicílio não!</p> <p>S1 - Eu penso que não é uma questão de tempo. Penso que.... Tempo meu, tempo meu disponível, não. Eu penso que é uma questão de timing familiar. Acho que a família do Rafael está a passar um processo, não é, que eu devo respeitar, que não posso adular, não posso ultrapassar e acho que é essencialmente isso é um tempo, não é, não é meu. Está a compreender, porque a minha intervenção sendo junto dos adultos essencialmente é respeitando isso, é devagar devagarinho</p> <p>S2 – atualmente estamos duas vezes por semana com ele, na parte dos cavalos e estamos outra vez, umas duas é variável mais outra vez na escola.</p> <p>S2 – eu acho que nunca é suficiente... quando nós fazemos aquilo que gostámos e quando os outros também vêm esse feedback é de facto positivo para a criança eu acho que nunca é suficiente, eu acho que se nós estivesse-mos todo o dia com ele, se calhar mesmo assim não era suficiente porque há sempre mais a fazer, algo mais a acrescentar. O facto de ele ir mais tempo acho que foi muito bom, muito positivo até porque vimos uma evolução mais rápida.</p> <p>S3 – estou duas vezes por semana sempre, é fixo, meia hora em cada sessão, para além disso às vezes também tenho na escola.</p> <p>S3 – Na escola é uma a duas vezes por semana, cerca de uma hora por sessão, mais ou menos.</p>

		<p>S3 - sim, tendo em conta que esta criança tem mais terapias, tem outros técnicos, considero que neste momento em termos desenvolvimentais que é um tempo ajustado, uma vez que não sou só eu que estou com essa criança enquanto técnica a interagir, está a ser feito um trabalho multidisciplinar.</p> <p>S4 - Sim, todos os dias da semana.</p> <p>S4 - Estou com ele e com as outras crianças também.</p> <p>S4 - sim, mas é preciso controlar bem e estar ali para ele, mas também para os outros.</p> <p>S5 – Não, não porque a minha vida... Queria que me permitisse mas não permite, eu tanto estou meia hora, como uma hora, como um quarto de hora, depende da disponibilidade que eu tiver todos os dias, depende e muitas vezes depende da disponibilidade que ele tem em salvo seja, em me aturar</p> <p>S5 – Porque muitas vezes eu até tenho tempo e quero brincar com ele, mas ele está cansado e não quer brincar.</p> <p>S6 – Tento quase todos os dias ter esse tempo normalmente é uma hora um bocadinho antes do jantar para fazer alguma atividade mais centrada nele, queria ter mais, mas neste momento não...</p> <p>S6 – É assim não é suficiente nem deixa de ser, mas se fosse mais era melhor e eu sinto que se fosse mais e de melhor qualidade que era muito melhor para ele.</p>
--	--	--

		<p>S6 - Eu queria que fosse mais, mas entre quarenta a uma hora mais ou menos, às vezes mais outras vezes menos, dependendo da disponibilidade que ele está nesse dia.</p>
	<p><u>Contributos</u></p>	<p>S1 - os valores principais que se podem ver nas rotinas, na interação das rotinas sejam realmente um valor para a família, porque foi assim que eu consegui o Rafael comigo.</p> <p>S1 - Da estrutura que eu criei até ele chegar, a ser ele a interagir comigo. Acho que só depende disso porque ele percebeu. Nós estamos perante um menino do Espetro do Autismo que não parece ter défice cognitivo. O Rafael aprende e eu penso que lhe dei esse modelo. E ele aprendeu o modelo. Ele agora olha lindamente para mim mas mesmo para dizer que quer brincar comigo. Se ele não olhasse para mim eu não ia brincar com ele. Ele já sabe disso.</p> <p>S2 - Eu acho que depende da própria criança mas também enquanto nós profissionais, se eu estiver lá apenas por estar não acho que isso vá surtir qualquer impacto, se eu estiver lá enquanto pessoa, enquanto profissional, enquanto aquilo que gosto de fazer e tento fazê-lo da forma mais correta com todas as minhas características... o facto de empatizar com ele, de tentar o melhor para ele, pronto de o tentar conhecer e dar resposta aquilo que ele me traz, mas também pegar muito naquilo que são as características dele, não posso descartar isso, se ele me vem mais agitado há que pegar nisso, se ele vem mais calmo e mais recetivo para outras atividades então há que pegar nisso. Eu acho que é muito dessa junção, dessa ligação, acho que é fundamental nós percebermos as nossas características mas também pegarmos nas características do nosso praticante ou do nosso aluno, ou do nosso cliente</p> <p>S3 -Temos os fatores ambientais, ou seja, o contexto em si, se o ambiente está calmo, se está agitado, isto, por exemplo, nas sessões de Hipoterapia em específico, se estiver mais que uma pessoa em picadeiro quando estou a trabalhar com a criança é um fator distrator, estas crianças têm um tempo de atenção e concentração muito curto, é um fator que vai de certa forma influenciar, se há barulhos</p>

		<p>se não há, se há ruídos, em termos ambientais também posso considerar até a parte dos materiais que usamos, se é um material que interessa à criança ou não, se é algo que ela tenha aversão, se é algo que ela se interessa, se é algo que tem curiosidade de explorar, tentamos sempre também procurar um bocadinho desse sentido. Em termos de fatores da criança, a predisposição com que ela vai à sessão, com que ela está naquele momento para a interação, ou não, fatores como se dormiu bem, se comeu, se não comeu, se precisa ir à casa de banho, se não precisa, se está mais emocional e até mesmo de personalidade, às vezes, se está mais irritado nesse dia, se está contente, se está eufórico, há uma série de fatores e características na criança que também vão influenciar. Fatores pessoais meus também enquanto técnica, se eu naquele dia estou mais chateada, se estou mais bem-disposta embora esses sejam sempre tentados deixados para segundo plano para tentarmos ter uma qualidade em termos de interação pelo menos mínima, mas a verdade é que eles influenciam, o nosso estado de humor, a forma como estamos naquele dia vai influenciar naturalmente, se nos aconteceu alguma coisa, se não, vai influenciar a interação com a criança. Fatores assim mais externos também sem ser assim tão ambientais e muitas vezes não estão associados à criança e que influenciam a criança como, por exemplo, quem vai com a criança à sessão, quem a leva, como é que correu o percurso, como é que foi o acordar da criança em casa, o que é que aconteceu na escola naquele dia, que até irritou e que vai influenciar o estado de humor e, essa própria predisposição já não vai ser a mesma para a interação.</p> <p>S4 - Depende de nós gostamos daquilo que fazemos, de interagirmos com ele e ele perceber o que a gente está a querer dizer...</p> <p>S5 – Muita. Ele se tivesse mais interação comigo ou com a mãe de um para um e se tivesse nas férias, isso é notável nas férias, é notável que ele está quinze dias connosco e ele interage muito mais quando estamos de um para um com ele, tanto eu como a mãe, ou então os três ao mesmo tempo, ouve mais, está com mais atenção, principalmente fora de casa, dentro de casa ele parece que cria a rotina dele e agora é isto depois é aquilo, quando sai fora de casa e a rotina dele muda mas muda com o pai, muda a rotina dos três, percebes? Ele não estranha, mudando a rotina dos três ele está</p>
--	--	--

		<p>com o pai e com a mãe, sente-se salva guardado acho eu, sente-se salva guardado então tudo o que nós fazemos ele vê, aceita, gosta, anda tranquilo, descansado, é diferente, é completamente diferente.</p> <p>S6 – Seria muito mais benéfico porque tinha alguém centrado só nele e as necessidades dele e disposto só a o ajudar e a fazer com que ele melhorasse nas suas capacidades.</p> <p>S6 – Poderia desenvolver em todos os aspetos, aspetos de interação mesmo social e mesmo motora, motorização fina e tudo, e mesmo o contato social mais, de olhar para o outro...</p> <p>S6 - Da disponibilidade dele para estar com o outro e da nossa entrega total para estar com ele.</p> <p>S6 - Do estado de espírito que vem no que se passou durante o dia connosco, claro que temos de nos abstrair ao máximo, mas se acontecer alguma coisa muito má nesse dia não conseguimos estar tão focados como deveríamos estar e isso compromete aquele bocadinho.</p>
	<p><u>Competências dos Intervenientes na Perspetivas dos Pais</u></p>	<p>S5 – Do sujeito um. A competência dela é que ela é, como é que vou explicar, ela é assim, ela aqui em casa eu nunca estive com ela mas no infantário não sei, mas que ela é, digo eu, ela pensa num objectivo e de certeza absoluta que vai insistentemente batalhar até conseguir é o que eu acho dela e muitas vezes ela até exige de mais do que aquilo que deve ser para a altura que é.</p> <p>S5 – Do sujeito dois. É a que manda, é assim, olha para ele, só de olhar para ele faz aquela cara assim... Não é de ruim mas de respeito, olha para ele, ele olha para ela e põe-se assim em sentido e diz “bem tenho que cumprir as ordens porque se não alguma coisa não está bem”, ela é que impõe mais quando ele está a fazer coisas que não deve, isso é matemático.</p>

		<p>S5 – O sujeito três, é assim desempenha um bom trabalho, é carinhosa com ele, sabe levá-lo, sabe “imposturá-lo” um bocadinho, é calma, brinca com ele e diz “não, não Rafael, não é assim, não é assado”, consegue leva-lo, é meiga, consegue-lhe dar a volta suavemente.</p> <p>S5 – O sujeito quatro na minha maneira de ver faz tudo o que pode para ele se sentir bem, é aquilo que eu penso, é aquilo que vejo, quando não é o sujeito quatro é um problema, porque desde pequenino que está com o sujeito quatro, e julgo que se sente bem e tenho a certeza que ela faz conforme pode porque tem muita coisa também ao encargo dela, faz como ela pode, tenta cumprir da melhor maneira e eu confio.</p> <p>S5 – Uma competência do sujeito seis é fácil, o sujeito seis exige mais do que deve, algumas vezes tem razão outras vezes tem que ter mais calma, isso é o que eu estou sempre a dizer, o sujeito seis tem que ter mais calma e ouvir porque estas crianças não são burras são muito inteligentes, é preciso saber lidar com elas, para elas... não é fazer o que nós mandamos mas conseguir entender o que está mal, porque a insistência é que faz com que eles aprendam, não é... não vou dizer ralhar porque não é ralhar, o que nós fazemos não é ralhar, eu se o vir a fazer asneiras não lhe vou dar um beijinho, mas a maneira como se fala para ele tem que ser supostamente de ralhar, porque se tu ralhares com ele, ele pode te temer a ti mas vai fazer a asneira na mesma, ralhas com ele agora tu, saís eu fico com ele, ele não aprendeu que não pode fazer aquilo, porque ele não quer que ralhe com ele, quer que o ensine e o ralhar não é a forma correta de fazer isso é calma, essencialmente calma e tranquilidade porque se houver calma e tranquilidade ele consegue aprender mais rápido, eu sei por experiência própria. Tranquilidade, sem ralhar, se houver tranquilidade sem ralhar, às mil maravilhas.</p> <p>S6 – O sujeito um: É genuína e adora-o e adora aquilo que faz.</p>
--	--	---

		<p>S6 – O sujeito dois: É divertida e faz-lhe assim umas marotices de vez em quando que ele adora.</p> <p>S6 – O sujeito três: É a pessoa mais disponível que eu conheço e uma facilitadora muito importante.</p> <p>S6 – O sujeito quatro: Também, é muito querida e faz-lhe as vontades todas.</p> <p>S6 - O sujeito cinco: Mima-o de mais, ele está a aprender a dormir sozinho, mas não o conseguem deixar adormecer sozinho (Risos) é uma luta... Ama-o muito...</p> <p>S6 - são uma mais-valia para ele em todos os aspetos.</p>
	<p><u>Competências Pessoais Gerais</u></p>	<p>S1 - Sim, eu acho que sem conhecimento sobre o Espetro do Autismo eu penso que não se faz nada, tem de se ter esse conhecimento.</p> <p>S1 - Nós temos que ser bons observadores, muito bons observadores. Uma criança do Espetro Autismo não falante, não é, porque há os falantes, que é o caso do Rafael, não falante, é uma criança que temos dar muito modelos de fala. Nós temos de falar muito com ele. E só conseguimos fazer isso depois de conseguirmos o olhar dele. Portanto uma qualidade é esta espera, conseguir esperar, esperar que ele olhe, que é muito difícil. Nos chamamos a isto a espera estruturada. Nós queremos falar muito queremos que ele olhe, que ele faça, sinta aqui, vai para ali, não chores agora vai... isto num autista é informação a mais, nós só podemos falar quando eles estão a olhar para nós. E é isto que eu acho que é...não sei como se chama esta qualidade, mas é perseverança, por exemplo,</p>

		<p>conseguir esperar que essa espera estruturada dê resultados. E isto é muito difícil porque nós queremos ver resultados rapidamente, mas se calhar a perseverança.</p> <p>S1 - É uma área muito social a educação, é uma vertente muito social, nós temos que articular com imensos serviços, nós temos que potencializar com as famílias, temos de entrar em casa delas e aqui também umas qualidades que do saber estar e do saber ser. Essencialmente nos domicílio, nos jardins de infância normalmente somos colegas e as coisas são mais fáceis. Mas nos domicílios nós temos de ser mais escutastes, ouvintes do que faladores. Podemos falar quando nos pedem para falar, olhe diga o que é que acho e eu tenho de dizer. Mas seu ouvir bem eu vou consegui discernir o que eu tenho que dizer. Que resposta vou dar. E isto é preciso muita ponderação,</p> <p>S2 – é a pessoa gostar daquilo que faz e sentir que é competente nisso porque eu até posso gostar muito de saltar à corda, mas se não souber saltar se calhar não vale apenas. Eu acho que tenho que analisar se tenho competências para tal, se tenho digamos estofo para tal</p> <p>S2 – se nós não empatizarmos com aquilo que estamos a fazer... nós até podemos ser muito bons mas não vai resultar e termos muita consciência de quais são os nossos limites</p> <p>S2 – temos que dar o melhor de nós...</p> <p>S2 - A empatia, o facto de nós termos de perceber que existem diferentes contextos e que a criança embora seja um todo ela acaba por ter um comportamento em cada um desses contextos, eu pelo menos falo por mim, eu acho na área da psicologia existe sempre muita essa necessidade de nós não tocarmos o praticante ou o cliente apenas numa determinada área, eu acho que o psicólogo é mesmo isso, nós temos primeiro de compreender as áreas e de facto a empatia aqui, porque se calhar até podemos não nos rever tanto na situação mas o essencial é perceber o que é que poderá surgir aqui de melhor e aqui estamos a mexer muito na nossa personalidade, no nosso</p>
--	--	--

	<p>temperamento, nas nossas características pessoais. Mais do que psicologia se calhar é muito o que nós somos do que é que gostámos e do que é que faz sentido para a criança em si.</p> <p>S3 - eu acho que os técnicos têm que ter uma disponibilidade tamanha, enorme, diria... para estar com o outro e serem capazes de se porem no lugar do outro, porque são crianças que têm o modo de funcionamento muito específico cada um tem o seu e, a verdade não vêm o mundo da mesma forma que nós o vemos, portanto nós temos de ser capazes de nos colocar no lugar do outro e mais do que isso e se calhar assim mais abrangente e mais principal, eu acho que o técnico estar disponível para, ser esse se calhar o principal objectivo que é capacitar o outro, empoderar. A parte do empoderamento aqui não só da criança, mas também de toda a família que é muito importante, penso que é essencialmente essa característica, se calhar a maior delas todas é a capacidade e a predisposição do técnico para capacitar, para empoderar, tanto a criança como os outros, como os técnicos que trabalham com ela de forma a maximizar neste caso a autonomia e o funcionamento desta criança.</p> <p>S3 – Uma pessoa que seja sensivelmente responsiva, conseguir dar sempre alguma resposta a estas crianças, tanto seja em termos materiais, como em termo emocionais, como comportamentais, alguém que seja capaz de ser responsivo a estas crianças, é algo que me preocupa quando estas crianças procuram uma resposta e não a têm de lado nenhum, penso que os técnicos devem ser capazes de devolver sempre alguma coisa de forma ajudar as crianças. A calma, a tranquilidade, o altruísmo também, a paciência, é preciso muita paciência para respeitar o tempo da criança, têm tempos por norma mais longos que as outras crianças em termos de aprendizagem, cada qual tem o seu, mas a verdade é que a forma como eles podem também é muito idiossincrática e nós temos que ter essa capacidade de respeitar sempre e respeitar o tempo com muito respeito, sempre, o respeito pelo outro acho que é aqui uma competência fundamental, as crianças muitas vezes não fazem porque efetivamente não conseguem e não porque não querem, não estão a conseguir e é preciso perceber onde é que nós conseguimos funcionar como base para as ajudar.</p>
--	--

		<p>S3 - O ser positivo também ajuda muito, tanto na criança, o acreditar no outro, nas capacidades do outro, no que pode vir a desenvolver e acreditar também no nosso trabalho. Não só na criança, mas também acreditar na família que muitas vezes funciona de certa forma como obstáculos, mas podem facilmente serem voltados para serem facilitadores de processo.</p> <p>S4 - é preciso estarmos bem connosco mesmo para conseguirmos passar isso para eles independentemente da criança que for e gostar daquilo que fazemos, temos que gostar para chegar ao final do dia e dizermos “eles estão bem, nós estamos bem”.</p> <p>S4 - temos que gostar daquilo que fazemos, temos que ser disponíveis para eles, temos que ser bem-dispostas.</p>
	<p><u>Aprendizagem das Competências</u></p>	<p>S1 - É assim, eu aprendi muito, todos os dias eu aprendo. Portanto eu penso que se aprende, agora só aprende quem está aberto à aprendizagem. Agora em termos de qualidades pessoais se isto se aprende, claro que se aprende. O conhecimento científico foi-me dizendo ao longo dos anos, que fui sempre me formando, sempre formando, sempre formando para colmatar as minhas dificuldades no terreno é evidente que eu aprendi. Agora o que está por detrás, a perseverança por exemplo, não, não se aprende. Aprende-se connosco.</p> <p>S1 - também se aprende.</p> <p>S1 - à coisas que já são natas</p> <p>S1 – Aprender aprende, só que se aprende enquanto menino ou menina, enquanto criança é uma questão de educação também. A educação, as características natas das pessoas. Como lhe disse à</p>

		<p>bocado saber ser e o saber estar são aprendidos, só que no estado adulto cada um de nós absorve isso à sua maneira e é evidente que depois sobressai. E eu fui aprendendo não lhe vou dizer se é 60% nato 40% aprendido. Não sei dizer isto. Agora que intuitivamente me comparo com outras pessoas, eu sei, sei que eu noto, não é, que muitas vezes ouvindo bem eu consigo chegar melhor às pessoas. E isto o ser ouvinte não é fácil. Ainda para mais estamos incumbidas. A maior parte das famílias veem : esta vai ser a minha salvação e não vamos ser salvação nenhuma. Está a compreender. E há pessoas que chegam aos domicílios e dizem que tem de fazer assim, assim e assim. E depois não fazem mais domicílio nenhum. Isto tem a ver com a capacidade nata. Isto não é só aprendizagem realmente. Talvez 70% - 30 de aprendizagem.</p> <p>S1 - Quando nós temos a formação bem dicersada eu acho que depois não cometemos esses erros mesmo que a nossa formação pessoal seja diferente. Eu conheço muita gente, muita boas educadoras de infância e com temperamento todos diferentes e com características todas diferentes.</p> <p>S2 - eu sinceramente acho que tudo pode ser ensinado, há coisas que nós temos mais dificuldade a mudar, no entanto nós nunca podemos descorar das nossas características, por exemplo, quando eu estou a falar do nosso temperamento, nós podemos mudá-lo mas ele vai estar sempre variável dos diferentes contextos em que nós estamos, que eles podem mudar podem mas não é muito expectável.</p> <p>S2 - o facto de estarmos a trabalhar com diferentes crianças nós vamo-nos modelando de uma forma ou de outra ao comportamento que elas têm e eu, por exemplo, até posso não, não é o aceitar, não é a questão do aceitar, até posso ter uma maneira de trabalhar com uma determinada criança, porque a minha essência é aquilo que eu acho, mas depois através do trabalho com outros técnicos e até com outras crianças que têm outras características eu posso-me ir adaptando, não vou mudar obrigatoriamente, nem totalmente mas acho que me posso “moldar”</p>
--	--	---

		<p>S3 – Algumas sim, outras acho que não. Nem todos têm que ter vocação para...</p> <p>S3 – Muitas se calhar estão associadas à parte do desenvolvimento pessoal de cada um, e acho que é um problema assim no geral, muita gente tem esse... Eu não queria dizer dificuldade, se calhar um déficit um bocadinho inconsciente, às vezes, por falta de informação também, por desconhecimento, não digo que seja propositado nem coisa do gênero, mas se calhar por exemplo, não se conhecem a elas mesma e acho que se calhar é um dos requisitos ter um bom desenvolvimento pessoal e sabermos que temos consciência daquilo que somos capazes, a forma que vamos reagir a determinada situação.</p> <p>S3 – uma pessoa que seja mais até em termos temperamentais e de personalidade, uma pessoa seja muito reativa por exemplo, é algo que pode efetivamente trabalhar e desenvolver outro tipo de competências para contornar essa reatividade mas, se não o fizer não vejo essa característica como se enquadre num filme num técnico que trabalhe com crianças com estas dificuldades.</p> <p>S3 – algumas sim, outras... mais as temperamentais que eu fico um bocadinho na dúvida se são realmente, até mesmo de interesses, por exemplo, uma questão de interesse... Se eu não tenho o à vontade, se não tenho qualquer interesse com crianças, por muito que eu trabalhe e tente perceber, até posso perceber, mas tenho que aceitar que isso faz parte de mim e se eu não tenho facilidade em estabelecer a interação com as crianças, se é algo que não me satisfaz por muito que eu trabalhe eu acho que vai sempre ser algo de certa forma forçado e a espontaneidade se calhar é uma das características que muitas vezes se sobressai destas relações que são estabelecidas entre os técnicos e as crianças, por isso é que eu digo, algumas eu acho que sim, outras eu acho que não.</p> <p>S3 – eu penso que com muito trabalho e dedicação mais cedo ou mais tarde tudo se consegue de uma forma ou de outra, penso que tenha haver com muitos fatores, não acho que seja linear a</p>
--	--	--

		<p>relação, não podemos dizer que todas as pessoas que querem vão conseguir alcançar, mas acho que é possível.</p> <p>S4 - Depende muito, eu acho. Depende da personalidade de cada um. Se calhar se me perguntar como ensinar ser carinhoso? Nós damos carinho, tudo bem... Mas se calhar temos de praticar isso todos os dias porque se deixarmos de praticar se calhar essa pessoa que não é tão carinhosa deixa de o ser. Mas depende muitas das pessoas eu acho e da vontade das pessoas também.</p> <p>S5 – Depende da disponibilidade, depende do que vamos dizer...</p> <p>S5 – Da disponibilidade e de encarar mesmo, porque eu posso chegar à beira de uma pessoa que não conheço de lado nenhum e dizer “Olha que o meu filho tem autismo, não podes ter isto aqui, ou cuidado com isto que ele pode partir”, depende da reação da outra pessoa, porque se a outra pessoa tiver uma reação e disser “ Não, não há problema nenhum, eu sei, eu suspeitava que ele tinha qualquer coisa” e conseguir encarar isso bem consegue aprender alguma coisa que a gente lhe diga “cuidado com isto, se ele quer por exemplo, ele vai-te pedir água mostras o símbolo da água” agora se é uma pessoa que encara mal não quero saber daquilo para nada, não aprende. Se for uma pessoa que, não é saber o que é porque eu também não sabia eu acho que 80% das pessoas só estando um bocadinho dentro disto, do autismo é que sabe, 80% da população portuguesa, se fosse no Brasil todos sabiam, aqui não sabem.</p> <p>S5 - Sim, porque eu sou uma pessoa que se achar que alguma coisa não está bem sou o primeiro a falar, posso achar que estão a exigir de mais dele, ou acho que alguma coisa não está bem sou o primeiro a dizer, isso eu não tenho qualquer dúvida nenhuma, as pessoas que o estão a ajudar, estão a ajudar em primeiro lugar porque eu acho que são as pessoas certas porque eu acho que se não fossem quando houve uma pessoa que não estava a ser, a não estar a fazer as coisas supostamente corretas eu tratei de, não foi tirá-la de o ajudar mas arrumá-la um bocado para o lado porque ele</p>
--	--	---

		<p>não se sentia bem e tirando isso as outras pessoas todas que o estão a ajudar ele gosta delas, se eu sinto que ele gosta delas e as pessoas o estão a ajudar e vejo que as competências das pessoas estão a ajudar neste momento são as adequadas.</p> <p>S6 – É assim elas podem ser trabalhadas, mas se as pessoas não nascem para aquilo não nasce e pronto, eu acho... Porque há pessoas que podem aprender e sabem a teoria toda, mas se interiormente não estão... Não têm aquela coisa não conseguem transmitir essa leveza e essa disponibilidade para a criança e eles sentem mais do que aquilo que nós pensamos.</p>
	<p><u>Perfil Adequado</u></p>	<p>S1 - Nem toda a gente tem capacidades para isto, é verdade. Não se aprende, há coisas que não se aprende.</p> <p>S1 - Deveria haver assim umas entrevistazitas...</p> <p>S1 - repare na intervenção precoce é muito mais importante as características familiares. Porque é com os adultos que devemos trabalhar.</p> <p>S1 - Uma postura de paixão pela educação, o conhecimento, uma paixão pela psicologia do desenvolvimento, uma paixão pelas crianças.... Olhe sabe duma coisa. Nós temos de ser apaixonados, em casa na escola, ao volante. Temos de ser apaixonados. É esta a palavra. E uma pessoa que mostra a paixão mostra as outras coisas todas porque depois passa a ser um bom ouvinte que está interessado em ouvir está apaixonado no que está a ouvir. Consegue ser uma pessoa que chega aos outros porque até consegue utilizar as palavras que foram utilizadas 10 minutos antes para as pessoas perceberem que estamos em consonância. Esta arte.... Paixão e arte, que diz? Paixão e arte? Características: - paixão e arte pelas crianças e educação. Porque é muita arte, nós temos de fazer muitos “decors”.</p>

		<p>S2 – eu acho que não deve de haver um perfil ideal, não deve de haver nem se deve conseguir porque lá está, cada caso é um caso nós temos crianças diferentes e nós vamo-nos adaptar às características dessa criança mas se tivermos outra criança nós vamos ter que nos adaptar a essas outras crianças, é assim o que se tem que ter em atenção ao perfil</p> <p>S2 – acho que é muito importante ter em conta as características que as pessoas têm ao trabalharem nestas áreas.</p> <p>S2 – eu acho que é importante a alegria e a motivação.</p> <p>S2 – há tanta coisa para trabalhar e temos de estar motivados, eu acho que estes técnicos têm que ter essa consciência acima dos outros que há muita coisa para fazer, temos de ser positivos connosco mesmo é algo que é tão bonito de se fazer que nós temos de ser assim.</p> <p>S2 - o ter atenção sempre naquilo que fazemos, no zelo, acho que é muito importante nós estamos a trabalhar com uma área delicada, acaba por ser sempre e nós temos de ter em conta que são sempre crianças que estão a crescer, que se nós dermos um exemplo desadequado elas vão aprender connosco, elas crianças que estão a crescer e nós é que somos o modelo e acho que muitas das vezes as pessoas esquecem-se disso ' ah são crianças, elas não ouvem ou não ligam ou não falam' não, são características pequenas que acabam por fazer muito a diferença do que se calhar outras maiores.</p> <p>S3 - Pessoas que tenham a capacidade de manter a calma em situações de pressão, de stress, de lidar com o inesperado, ter uma boa gestão comportamental emocional face ao inesperado, com temperamento mais calmas também, mais tranquilas, menos reativas...</p>
--	--	---

		<p>S3 – A disponibilidade, a parte do altruísmo, do interesse pelo outro, a tranquilidade... A parte afetiva, serem emocionalmente estáveis, acho que é muito, muito importante. Não em excesso nem ao contrário, por pecar, por serem também extremamente... Não demasiado afáveis nem também muito frias, terem uma boa gestão, um bom equilíbrio emocional.</p> <p>S4 – Acho que sim, mas para haver essa seleção alguém tem que as selecionar e eu pergunto se esse alguém que vai selecionar está na prática, está no local e se sabe o que é que pode ou não pode selecionar.</p> <p>S4 - terá que haver algum tempo para nós vermos se realmente consegue existir alguma interação com a criança e neste caso o técnico ou a pessoa que será selecionada e ao fim desse tempo que eu visse, por exemplo, a interação corria bem, a pessoa era bem-disposta, era disponível, se calhar aí selecionava</p> <p>S5 – Olhar por ele, cumprir algumas rotinas que têm que ser cumpridas, ajudá-lo dentro dos parâmetros que ele precisa ajudá-lo como, por exemplo, não é preciso muita coisa, eu sei que não é fácil, porque ele dá muito trabalho, mas levá-lo à casa de banho, mostrar-lhe um símbolo de ir à casa de banho, na comida mostrar sempre o comer, sei lá, muita coisa que é preciso durante um dia na escola e que tem sido cumprido, era isso que eu queria se trocar, quem for para lá fosse minimamente competente para fazer o que a outra pessoa estava a fazer minimamente.</p> <p>S5 - É assim, as pessoas que trabalham com o meu filho, são todas dentro, julgo eu, do que ele precisa acho que têm formação suficiente para lidar com ele e saber, saber principalmente lidar com ele, saber lidar com ele porque estão dentro do problema dele porque se fossem pessoas que não estivessem dentro do problema dele eu acho que se haviam de informar e ter uma boa formação porque se não tiver o mínimo de formação para trabalhar com estes casos não...</p>
--	--	---

		<p>S6 – Tinha que ser disponível, atento, meigo e que mal olhasse para ele e ele olhasse para eles também e lhe fosse dar um abraço, aí era a maior prova que ele estava receptivo a pessoa e que essa pessoa lhe tinha chamado a atenção e pronto é o mais importante à parte das competências que é preciso ter em termos mesmo técnicos para os ensinar a aprender qualquer coisa essas têm que ser sempre primordiais antes das outras.</p> <p>S6 – Sim, para além dessa formação, para além das características que eu acho que as pessoas que envergam por uma profissão destas devem ter claro que uma especialização é sempre importante quanto mais se aprende melhor, por isso, sim.</p>
	<p><u>Competências</u> <u>Pessoais</u> <u>Próprias</u></p>	<p>S1 – Ponho-me do tamanho dele. Deixo de ser uma mulher de 59 anos, 1.70 cm para ter 1 m como ele e quatro anos de idade.</p> <p>S1 – 4 anos de idade no sentido de que sei o que é os 4 anos, e como é que os 4 anos gostam de brincar mais nesse sentido, porque o resto todo está em mim, não é.</p> <p>S1 – consigo descer ao nível de uma criança.</p> <p>S2 – motivação e este interesse constante, o não desistir, acho que nós não devemos desistir das crianças que nos aparecem por mais dificuldades que elas tenham ou por mais inconsistentes que sejam os contextos ou “desgraças” que vão-lhes surgindo, acho que devemos ser esta luzinha ao fundo do túnel, de 'ok pronto mas agora pelo menos nesta meia hora' o tempo é para esta criança, o tempo para ver as qualidades desta criança.</p> <p>S2 – tentar transmitir do pouco tempo que elas estão connosco o mais positivo que pode existir</p>

		<p>S2 - a empatia, o facto de nós estarmos ali para o outro, não ter pena mas de tentar querer o melhor para o outro como se fosse para mim.</p> <p>S3 – O interesse pelo outro é algo que sempre me fascinou desde muito cedo e que eu acho que me permite destacar enquanto profissional porque associado a isto vem o respeito e o tentar compreender o outro na perspetiva que ele vê o mundo</p> <p>S3 – O gosto que eu tenho enorme e se calhar o que mais me dá gosto enquanto profissional que é o capacitar o outro, empoderar, o permitir que o outro seja capaz de ser autónomo, de adquirir determinadas competências e associado a isto vem também o interesse e o gosto por ensinar mais ligado a algumas competências específicas, não tanto relacionais. A parte da tranquilidade, o eu ser muito tranquila, mas ao mesmo tempo conseguir fazer uma boa gestão entre a parte emocional e a parte racional, o ser capaz pensar fora de caixa em determinada situação, seja ela de stress ou não, conseguir no momento pensar um bocadinho, tentar ter uma visão maior do que está acontecer e não tanto focado no momento, perceber se determinado comportamento pode vir de outra situação externa que naquele momento nem se esteja a manifestar</p> <p>S3 - ter uma visão mais macroscópica e olhar para a criança como sintoma de tudo o resto, não ver apenas a criança e o comportamento isolado, essa visão que às vezes não é muito frequente</p> <p>S4 – eu julgo ter algumas não muitas, mas se calhar fazem diferença, ser amiga, ser bem-disposta, chegar e gritarem por mim seja verbalmente seja com os olhares.</p> <p>S4 - disponível... estar ali para eles quando eles precisarem</p>
--	--	--

		<p>S5 – O melhor que eu tenho para ser competente é ele gostar de mim, isso é a maior competência que eu tenho, que ele me transmite, o que ele mais gosta que eu faça é cócegas e brincar com ele, saltar na cama, saltar no trampolim, eu não tenho competência nenhuma quem tem as competências é ele, ele é que tem as competências todas porque ele sem falar diz-me o que é que quer e eu só sigo aquilo que ele quer, ele quer brincar com um brinquedo eu vou atrás dele, ando sempre com ele, sempre, muitas vezes cansadinho mas ando sempre com ele, ele vem para a sala eu vou para a sala, então eu chego à sala e tento descobrir, que é assim que se brinca com ele, eu tenho de descobrir, vamos andar no cavalinho e ponho-o em cima do cavalo e ele sente que está no cavalo e ele fica, se não quiser ele salta logo do cavalo, e eu supostamente, supostamente sei logo o que ele quer, mas muitas vezes o que é que acontece? Quando ele está bem-disposto e tem disponibilidade eu consigo contornar aquilo que ele quer para deixar para último, como é que eu te hei-de explicar... Ele quer a bola, eu sei que ele quer a bola para andar a saltar em cima dela e agarrado a mim, ao meu colo, mas eu não lhe quero dar logo a bola porque se não eu chego aqui à sala com dez brinquedos ou cinco brinquedos e ele só quer brincar com aquele e eu não quero e eu tento contornar, por exemplo, brincar com o jogo dos copos primeiro, que eu sei que ele gosta mais da bola, então o que é que eu faço, a minha qualidade é negociar o brinquedo antes de lá chegar e pego faço um desenho no quadro, ele senta-se no sofá à minha beira e começo a fazer um desenhinho da Milú, da mãe, do pai, do parque, do infantário, e ele depois passado um bocado chateia-se e eu copos e quando chego ao fim já brinquei com ele, já passou mais de meia hora, e eu fiz um desenho para ele ver, brinco com os copos com ele, anda um bocadinho no cavalo, com a televisão acesa sempre e ele não quer saber da televisão, quer brincar comigo, não lhe faço as vontades todas mas tento que ele faça coisas diferentes comigo.</p> <p>S6 – É assim é o meu filho mesmo, é assim eu acho que há pessoas que têm essas competências melhores do que eu, que eu acho que às vezes nem sou assim, mas eu tento ao máximo e é a tal coisa não se aprende tem que nascer com a pessoa e é assim por ele eu sou capaz de fazer essas coisas todos e mais algumas e o que quer que seja porque se fosse eu a facilitadora para outras</p>
--	--	--

		<p>peessoas se calhar não tinha essa entrega como tenho para ele e pronto a capacidade que eu tenho entregar-me a ele e estar ali e estar disponível e estar preocupada e querer fazer o melhor.</p>
	<p><u>Desenvolvimento Pessoal</u></p>	<p>S1 - Muito!</p> <p>S1 - como era já uma apaixonada pela infância e não fui para educação de infância por acaso, eu aprendi tudo. Eu bebia as palavras dos professores.</p> <p>S1 - a minha formação foi formação mesmo. Não estava ali para ter notas, compreende. Fui sempre uma pessoa que estava ma primeira fila e não calava perguntava porque é, não percebi. E Esta formação nunca mais a esqueci. Eu acabei o curso em 81, em 81 e sei coisas que parece que estou a ouvir o professor a dizer-las. Porque se calhar bebi esta informação toda. Portanto a formação inicial foi fundamental. E determina, determina completamente.</p> <p>S2 – eu acho que sempre fui assim... o meu interesse por ajudar o outro, pela área, por exemplo, da deficiência, sempre foi algo que tive muito interesse, e também foi um bocadinho por aí da escolha do meu curso, foi se calhar na altura onde eu cresci mais, onde eu percebi de facto o impacto que nós temos no outro, porque antes era 'ok eu faço isto porque me sinto bem e eu sou assim' mas eu com o curso eu percebi, não, eu de facto tenho mesmo impacto nos outros, eu ainda posso ser melhor e o curso de psicologia e depois outros cursos, porque eu também tenho o curso de Hipoterapia... eu sou influenciada pelos outros mas eu também posso influenciar os outros e os animais acabam por ser mesmo isso, o cavalo, eu consigo perceber que o cavalo sente como é que eu estou, se o cavalo estiver agitado ou mais triste ou contente ele vai reagir dessa forma e eles de facto conseguem ter esse impacto nas crianças portanto, eu tal como o cavalo também tenho esse impacto na criança e se a criança conseguir ler assim como eu consigo lê-lo a ela, eu tenho que fazer alguma coisa com essa leitura, uma criança está a chorar e pronto fica para aí a chorar, não, eu tenho que tirar isso, e com o curso de psicologia eu consegui aprender mesmo isso, tudo aquilo que</p>

		<p>acontece tem uma razão e eu tenho que pegar nessas pequenas razões e dar resposta a isso, da forma mais adequado que eu considero.</p> <p>S2 - eu não conheço nada, eu não faço a mínima ideia o que é isto do mundo dos cavalos, mas prontos vamos lá' e percebi mesmo que conciliar a psicologia com os animais era mesmo aquilo que eu queria, posso dizer que me sinto realizada porque consigo juntar a área mais das necessidades educativas com a psicologia e com a parte de equitação, é o que me faz sentido.</p> <p>S3 - a formação na área da psicologia permitiu-me se calhar acentuar mais a consciência que tinha das diferenças que temos entre todos, de me tentar compreender melhor enquanto profissional, perceber enquanto profissional, ou seja, a parte do desenvolvimento pessoal de que forma é que poderei influenciar ou não o meu desempenho profissional, perceber se isso poderia ser vantajoso ou até prejudicial de alguma forma, perceber se havia aspetos a trabalhar.</p> <p>S4 – Acho que todas as formações contribuem.</p> <p>S4 - Eu felizmente estou num curso que tirei por opção minha e que gosto e o facto de se calhar vir para aqui estagiar e conhecer as pessoas que felizmente começaram por ser o meu estágio mas depois colegas de trabalho, mas sim acho que todas as formações contribuem para um desenvolvimento pessoal.</p> <p>S5 – Isso era bom, se fosse troca de informação com pais com filhos com o mesmo problema se calhar ia ser benéfico para tirar ideias e aprender coisas diferentes que podem agora não acontecer e vir acontecer mais tarde, por exemplo, e muitas vezes até acontecer as mesmas coisas e haver uma maneira mais simples de o acalmar, por exemplo, de brincar de uma maneira diferente para ele se</p>
--	--	--

		<p>sentir melhor coisas que às vezes uma pessoa nem dá por ela, são coisas banais que uma pessoa prontos não consegue perceber como é que há-de resolver o problema e se calhar os pais, outros pais conseguiram resolver o problema fácil e nós ainda não chegamos lá, isso era benéfico.</p> <p>S6 – Eu fiz a formação no Sunrise e isso ajudou-me a aceitar melhor e mais a diferença dele, porque só depois de nós conseguirmos aceitar e entender o que é que se está a passar e as dificuldade de cada um é que depois conseguimos entrar na situação e desmistificar aquele terror que nos passava inicialmente pela cabeça e nos entregar-mos melhor e ter mais frutos positivos para isso.</p> <p>S6 - Através da experiência pessoal dos interlocutores e através do discurso dos outros pais que foram falando, as opiniões e as vivências de cada um, a pessoa consegue ir assimilando os vários tipos de situação que vão acontecendo e dá-nos assim uma amplitude maior à cerca de problemática.</p> <p>S6 - Ser persistente e nunca desistir.</p>
	<p><u>Experiência Pessoal (Formação)</u></p>	<p>S1 - da faculdade todos os cursos todos que lá fiz. Com os norte americanos sim, então no autismo que estão sempre a investigar.</p> <p>S2 – eu tenho o mestrado na área da educação</p> <p>S2 – a minha formação base é a psicologia mas depois eu sempre tive um interesse na área dos animais sobretudo com cães e com cavalos mas a verdade é que cá em Portugal pouco conhecemos, mesmo a Hipoterapia... começa agora a surgir mas ainda muito desconhecido existem outras terapias complementares mas a Hipoterapia ou até com cães é pouco falado.</p>

		<p>S2 - O primeiro curso de equitação terapêutica foi o que eu fiz e acabou por me dar noções muito mais precisas do impacto que nós e o cavalo pode ter no praticante assim como noções mais ao nível de fisiologia, não é tanto a minha área digamos mas que eu quando estou por exemplo numa sessão de Hipoterapia eu tenho que ter em questão isso, tenho que estar alerta, acho que foi muito bom, muito útil sobretudo ver como é que há tantos técnico que estão há tanto tempo trabalham, foi muito útil.</p> <p>S3 – Para o caso de Perturbações do Espectro do Autismo, sim, sim várias. A formação específica que fiz na área da Hipoterapia para além da psicologia</p> <p>S3 - Nesse caso em específico trouxe-me conhecimentos novos acerca do cavalo enquanto instrumento de trabalho para estes meninos, que é uma fonte poderosíssima de estimulação proprioceptiva essencialmente, mas também de estimulação sensorial a vários níveis como muitas vezes é descartado por desconhecimento das pessoas e, não ponho isso em causa, mas a mim trouxe-me esse conhecimento, ao mesmo tempo também outras formas de trabalhar com estes meninos num contexto completamente diferente e de uma forma muito, muito lúdica. A formação que tenho em primeiros socorros, parecendo que não estando na área da saúde foi algo que tinha alguma urgência em fazer e que de certa forma atenuou um bocadinho alguns receios que eu tinha em relação a quedas ou até mesmo comportamentos mais agressivos, de eles se magoarem, de algumas crises que possam despoletar, epilepsia, por exemplo, foi algo também que me tranquilizou uma vez que as comorbilidades são muito frequentes nas perturbações do espectro do autismo e para além disso a formação inicial, sem dúvida... A parte mais específica do autismo que nós temos na parte académica.</p> <p>S4 - o meu curso é o curso técnico de apoio à infância.</p>
--	--	---

		<p>S5 – 9º ano de escolaridade</p> <p>S6 – Licenciatura em contabilidade e auditoria.</p>
	<p><u>Resposta Curricular para o Desenvolvimento Pessoal</u></p>	<p>S1 – Um curriculum dos professores. Deveria haver...</p> <p>S1 – Colocar no curriculum a sua maneira de ser.</p> <p>S1 - Inútil.</p> <p>S1 – Há coisas que não conseguem aprender, nem com a idade.</p> <p>S1 – características que elas tinham com 21 anos são as características que têm agora.</p> <p>S1 – o conhecimento é fundamental, mas como pô-lo em prática.</p> <p>S2 – Eu acho que sim.</p> <p>S2 - se calhar deve variar um bocadinho de faculdade para faculdade, ou de área para área e tudo e mais alguma coisa, calculo, por exemplo, que se for da área da saúde, médico, mais relacionados com isso se calhar não existe tanto essa preocupação, eu no meu não posso dizer que não havia essa preocupação, nós até podíamos não ter uma cadeira especifica para isso, mas havia sempre uma preocupação dos professores, diziam em quê que isto faz sentido, por exemplo para vocês enquanto psicólogos, futuros psicólogos, porquê que isto é importante para vocês, eles punham-nos muito a pensar, mesmo em características nossas, o que era mais-valias para nós e para quem estivesse á</p>

	<p>nossa frente, por isso eu acho que sim, devia ser imprescindível em todos os cursos e todas as pessoas que saiam formadas, quer de uma faculdade ou de qualquer sitio, eu acho que as pessoas para trabalharem em determinadas áreas nomeadamente, na áreas que trabalham com crianças, com Perturbações do Espectro do Autismo é mesmo muito importante termos em atenção as pessoas que temos á frente por diversas razões.</p> <p>S3 -Sim, sim, tanto em termos de intervenientes da área da saúde como da educação, acho extremamente pertinente haver esse tipo de formação muito porque na área das ciências sociais e a verdade é que quando nós trabalhamos com estas crianças não é uma ciência concreta é muito social é uma relacional, não só na área da educação mas também na saúde mesmo a questão da medicina, os profissionais que acompanham estas crianças, acho imprescindível as pessoas terem o mínimo de tato possível no tratamento destas crianças e desta família portanto não podemos falar como, a relação terapêutica está na base, portanto se nós não formos capazes de nos conhecermos ao ponto de perceber de que forma é que podemos maximizar o estabelecimento desta relação terapêutica acho que vamos acabar por ser prejudicados em termos de eficácia depois da prática disso, sim... E mesmo o auto conhecimento e reações, percebermos como é que vamos reagir de determinada forma, estarmos a contar com isso, porque um imprevisto mal resolvido pode ter uma consequência muito grande nestas crianças.</p> <p>S4 - Sim acho que sim. Acho que faria bem a muita gente a muitas pessoas desenvolver se calhar coisas que estão menos... Como é que eu hei-de dizer... Olhe menos apagadas e se calhar reacender um bocadinho ali algumas mentalidades das pessoas relativamente a certos assuntos.</p>
--	---